
PELO MEV DEVER
BIBLIOTECA
DO VISCONDE
DO TORRÃO
ANTONIVS LIMA
FACIEBAT
A.D.
PAES FERREIRA
SCULP.

ARTE
DE VIVER EM PAZ
COM OS HOMENS,
DIVIDIDA EM DUAS PARTES,

E

DEDICADA
AOS VASSALLOS
DE

S. MAGESTADE FIDELISSIMA,
PRINCIPALMENTE AOS QUE HABITÃO

A

DIOCESE DO MARANHÃO.
POR

D. FR. ANTONIO DE PADUA,

BISPO DA MESMA DIOCESE.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

A INSONDAVEL Providencia do Senhor, que as mais das vezes obra de hum modo imperceptivel ao conhecimento dos homens, permittio que no meſmo tempo, em que trabalhavamos na producção deſte Opuſculo, foſſemos pela noſſa Fideliſſima Soberana nomeado Biſpo da Santa Igreja Cathedral do Maranhão. Eſte ſucceſſo havido contra todas as noſſas eſperanças, fazendo-nos lembrar os dotes que, ſegundo S. Paulo nas Cartas aos ſeus diſcipulos Tito e Timotheo, deve ter quem houver de occupar hum tal miniſterio, nos encheo não ſó de profunda amargura, mas atalhou tambem todos os noſſos actuaes projectos. Conſiſtião eſtes em concluir huma obra, da qual tinhamos já participado alguns tomos ao Público, que nos pedia com grandes inſtancias a ſua continuação, e em paſſar os reſtos da vida entre as doçuras do retiro, no exercicio das obrigações da Communidade, e na compoſição de alguns eſcritos, que já ſervião de objecto ás noſſas idéas.

Não impedio com tudo que continuassemos esta pequena obra, e que através das desconsolações, de que eramos frequentemente combatidos, lhe dessemos fim. Nós sempre a considerámos muito estimavel por sua materia; mas depois da nossa nomeação se nos representa dignissima das attenções do homem, que a Providencia chama ao officio de Pastor. Sabemos que todo o Prelado, a exemplo de Jesus Christo, não deve ter outro maior interesse que plantar a paz; a paz, suavissimo fruto do Santo Espirito, e que foi a primeira dadiva que o Ceo offereceo á terra depois do Nascimento do seu adoravel Redemptor, cuja guarda este Deos feito homem não cessou de recommendar na serie dos tempos aos seus discipulos. As repetidas vezes que o Senhor lhes falla neste soberano dom, como póde ler-se na Escritura Santa, he huma prova bem nervosa, de que elles e os seus successores devião plantallo, zelallo e forcejar por estabelecello com perpetuidade entre as gentes.

E com effeito : entre os dons celeſtes nenhum ha que mais mereça os primeiros cuidados de qualquer Superior que o da paz. Deſterre-ſe eſte do meio da corporação , a que preſide, que turbilhão de deſordens não vem logo occupar o ſeu reſpeitavel poſto? A diſcordia , qual fogo vivamente ateado, creſta, queima e diſſipa a belleza deſſa infeliz ſociedade. Ahi o ſagrado e o profano caminhão com paſſo igual ao precipicio. Os odios creſcendo e ganhando todos os dias novas forças, levão o mal ao ſeu cume. O carro do governo, ſaltando fóra dos ſeus eixos, fica atolado no profundo vil pó das ſedições. O credito mais bem eſtabelecido perde a ſua eſtimação, e vai a ſer triſte victima da Satyra. Os crimes eſquecidos, de novo ſe fazem lembrados; e os que erão occultos á maior parte do povo , paſsão ao conhecimento de todos. As ſciencias não fazem o menor progreſſo , nem as Artes tem adiantamento. Em fim, a virtude, a amavel virtude nem talvez ahi ſe encontre eſcondida

de-

debaixo das ſombras de huma eſteril eſpeculação.

Volte a paz do ſeu deſterro, e a ſociedade donde ſahio degradada, virá a tomar, ainda que lentamente, a ſua antiga e brilhante face. A ordem entrando na poſſe dos ſeus direitos, reduzirá pouco a pouco todas as couſas ás ſuas devidas ſituações. O Sol ahi regulará de novo os dias pacificos de Salomão. O commercio florecerá ſenſivelmente. As letras contaráõ muitos e bons profeſſores. A Religião creſcerá pela obſervancia das ſuas leis e exercicio do ſeu culto. Deos finalmente verá augmentada a ſua gloria accidental pelas homenagens, que lhe renderáõ os ſeus adoradores.

De todos eſtes bellos effeitos he a paz a precioſa origem. Mas para que ella os produza, he neceſſario que ſe conſerve. Não póde porém conſervar-ſe ſem a ſciencia dos meios da ſua conſervação. Mas eſta acha-ſe encerrada neſte breve Opuſculo, a que damos o titulo de *Arte de viver em paz com os homens*. Não he obra noſ-

ſa

ſa na ſua origem. He hum dos melhores e mais precioſos Tratados, que formão o corpo dos Enſaios da Moral do grande e célebre Pedro Nicole, cujo nome he ouvido com reſpeito de todos os Sabios, principalmente dos de França, onde juſtamente paſſa pelo mais profundo meditador do homem moralmente conſiderado. Por eſta cauſa pede ſer lida em algumas partes com huma attenção mais que ordinaria. A ſubtileza, com que eſtá trabalhada, nos obriga a fazer eſta advertencia. Paſſando-a ao noſſo idioma, puzemos o noſſo principal cuidado em perceber o conceito do ſeu Author, e expollo do modo mais claro, que nos foſſe poſſivel.

Nós a offerecemos a todos os Portuguezes em geral, e em particular a todos os que habitão a noſſa Dioceſe do Maranhão. Em toda a parte deſejamos ver eſtabelecida a paz; mas com eſpecialidade neſta, que eſtá commettida aos noſſos cuidados. Se formos tão felices que vejamos completos e ſatisfeitos os noſſos deſejos, abençoaremos

o noſſo trabalho. E para que aſſim ſucceda, imitando ao Apoſtolo na Carta aos Filippenſes, lhes dizemos: Fazei o que aprendeſtes, ouviſtes e leſtes neſta obrinha, e o Deos da paz aſſiſtirá comvoſco: *Quæ & didiciſtis, & accepiſtis, & audiſtis, & vidiſtis* in hac opella, *hæc agite & Deus pacis erit vobiſcum.*

ARTE DE VIVER EM PAZ COM OS HOMENS.

PARTE I.

Quærite pacem Civitatis ad quam transmigrare vos feci: & orate pro ea ad Dominum, quia in pace illius erit pax vobis. Jer. 29. v. 7.

Procurai a paz da Cidade a que vos transferi, e orai ao Senhor por ella; porque na sua paz consiste a vossa.

CAPITULO I.

Os homens sendo Cidadãos de muitas Cidades, devem procurar a paz de todas, particularmente a daquella, em que vivem, e de que são parte.

TODAS as Sociedades, de que somos membros; todas as cousas, a que nos unimos por algum laço ou commercio; tudo o que obramos, ou que obra sobre nós, e

e que pela differença dos ſeus eſtados he capaz de alterar a diſpoſição da noſſa alma, são Cidades, em que paſſamos o tempo da noſſa peregrinação; porque neſtas couſas he que a noſſa alma ſe occupa, e deſcança.

Aſſim o mundo inteiro he a noſſa Cidade; pois que na qualidade de ſeus habitantes nos enlaçamos com todos os homens, recebendo delles já damno, já proveito. Os Hollandezes commerceão com os do Japão; nós com os Hollandezes, e deſte modo commerceamos tambem com eſtes póvos, que habitão os fins da terra; porque os lucros, que os Hollandezes tirão deſte commercio, dão-lhes os meios de ſervir-nos, ou de offender-nos. Póde dizer-ſe o meſmo dos outros póvos. Todos nos dizem reſpeito por algum princípio, e a todos prende a cadeia, que liga os homens entre ſi pelas reciprocas neceſſidades, que huns tem dos outros.

Nós porém ſomos mais particularmente Cidadãos do Reino, em que naſcemos; da Cidade, em que habita-

tamos; da Sociedade, de que ſomos parte; em fim podemos ſer chamados de hum certo modo Cidadãos de nós meſmos, e do noſſo proprio coração. As diverſas paixões, e os differentes penſamentos, que em nós ſentimos, formão huma eſpecie de povo, com que devemos viver, e muitas vezes he mais facil viver com todo o mundo exterior, que com eſte povo interno, que habita dentro de nós.

A Eſcritura obrigando-nos a procurar a paz da Cidade, em que Deos nos poz, obriga-nos igualmente a procurar a de todas eſtas differentes Cidades. Iſto he, ordena que procuremos, e deſejemos a paz, e o ſocego do mundo inteiro, do noſſo Reino, da noſſa Cidade, da noſſa Sociedade, e de nós meſmos. Mas como podemos procuralla mais para algumas deſtas Cidades que para outras, he neceſſario que neſta empreza trabalhemos de diverſo modo.

Ha peſſoas, que ſó por ſuas orações podem procurar a paz do mundo, dos Reinos, e das Cidades. Pe-

lo

lo que a noſſa obrigação neſta parte he pedilla ſinceramente a Deos e crer que ſomos obrigados a iſto. E com effeito o ſomos. As perturbações externas, que dividem os Reinos, procedem muitas vezes do pouco cuidado, que os ſeus habitantes tem de pedir a paz a Deos, e do pouco que lhe agradecem a que lhes ha concedido. As guerras temporaes trazem comſigo conſequencias tão eſtranhas e effeitos tão triſtes para as meſmas almas, que não he poſſivel comprehendellos. Por eſta cauſa S. Paulo recommendando orar pelos Reis do mundo, eſtabelece expreſſamente, como principio deſta obrigação, a neceſſidade que temos do ſocego exterior. (1)

Cada hum procura a paz para ſi meſmo, regulando as ſuas paixões e os ſeus penſamentos. Por eſta paz interna contribue-ſe muito á paz da Sociedade, em que ſe vive; pois que ſó as paixões podem perturballa. Porém como a paz com os que nos são unidos

(1) *Ut quietam & tranquillam vitam agamus.* 1. Tim. 2. v. 1. & 2.

dos por laços mais eſtreitos, e por hum commercio mais frequente, he de extrema importancia para conſervar a tranquillidade em nós meſmos; e como nada haja mais capaz de perturballa que a divisão oppoſta, della principalmente he que deve entender-ſe a inſtrucção do Profeta: *Quærite pacem civitatis, ad quam tranſmigrare vos feci*: Procurai a paz da Cidade, a que vos transferi.

CAPITULO II.

A razão e a religião nos inſpirão de commum acordo o cuidado da paz.

OS homens não ſe conduzem ordinariamente em ſua vida pela fé, nem pela razão. Seguem temerarios as impreſsões dos objectos preſentes, ou as opiniões commummente eſtabelecidas por aquelles com que vivem. Ha poucos, que ſe appliquem com algum cuidado a conhecer o que na verdade lhes he util para paſſar felizmente a vida, ſegundo Deos ou ſegundo

do o mundo. Se reflectiſſem niſto, verião que a fé e a razão concordão na maior parte das obrigações e acções dos homens; que as couſas que a Religião nos prohibe, são muitas vezes tão contrarias ao ſocego deſta vida, como á felicidade da outra; e que o maior número daquellas a que nos attrahe, contribue mais á felicidade temporal, que tudo aquillo que a ambição e a vaidade nos fazem procurar com tanto deſvelo.

Eſta concordia da razão e da fé em nenhuma couſa ſe manifeſta tanto, como na obrigação de conſervar a paz com os que nos são unidos, e na de evitar todas as occaſiões e motivos capazes de perturballa. Se a Religião nos preſcreve eſta obrigação como eſſencial á piedade chriſtã, a razão no-la propõe como a mais importante ao noſſo proprio intereſſe.

Por eſte motivo ſe conſiderarmos com alguma attenção a origem da maior parte das inquietações e deſgraças que nos ſuccedem, ou vemos ſucceder aos outros, conheceremos que el-

ellas procedem de ordinario da pouca circumſpecção com que nos tratamos. E ſe quizermos fazer juſtiça, acharemos que rara ſerá a vez, em que ſe murmure de nós ſem motivo, e que por goſto nos offendão e inquietem. A iſto ſempre contribuimos alguma couſa. Se não damos cauſas proximas, damos remotas. Sem advertir cahimos em infinitas faltas pequenas, offenſivas daquelles com que vivemos. Eſtas os diſpõem a cenſurar o que facilmente ſoffrerião, ſe não tiveſſem já no eſpirito hum princípio de rancor. Em fim quaſi ſempre he verdade, que ſe nos não amão, he porque não ſabemos fazer-nos amar.

Nós meſmos pois contribuimos ás inquietações, perturbações e empates que nos causão os outros; e como iſto fórma em parte a noſſa infelicidade, nada nos he mais importante, ainda ſegundo o mundo, que applicar-mo-nos a evitallo. A ſciencia que no-lo enſina, he mil vezes mais util que todas as que os homens aprendem com tanto tempo e cuidado. He para cho-

rar

rar a má eſcolha que fazem no eſtudo das artes, exercicios e ſciencias. Applicão-ſe com deſvelo a conhecer a materia, e a deſcubrir os meios de fazella ſervir ás ſuas neceſſidades. Aprendem a arte de amanſar os animaes e de empregallos no uſo da vida, e ſó não pensão naquella, que enſina a fazer os homens uteis, e a impedir que elles ſe inquietem e vivão infelizmente, quando he certo que contribuem muito mais á ſua felicidade ou infelicidade que todas as outras creaturas.

Iſto nos dicta o noſſo diſcurſo ſobre eſta obrigação. Se conſultarmos porém a Religião e a Fé, ellas nos inſpirão o meſmo, ainda que de outra ſorte. Pela authoridade dos ſeus preceitos e pelas razões divinas he que no-lo perſuadem. Jeſus Chriſto de tal modo amou a paz, que das oito bemaventuranças, que nos propõe no Evangelho, fórma duas, que a tem por objecto: *Felices* (diz elle) *os que são doces, porque poſſuirão a terra.* (1) Eſta comprehende o ſocego da vida

(1) Matth. 5. 4.

da prefente e o defcanço da futura. *Felices*, profegue ainda, *os pacificos*, *porque ferão chamados filhos de Deos.* (2) Efta contém a mais alta dignidade a que os homens podem elevar-fe, e que he devida á maior das virtudes. S. Paulo faz huma lei expreffa tocante á paz, mandando guardalla, quanto he poffivel, com todos os homens. (3) Prohibe as controverfias, e ordena a paciencia e a doçura para com todo o mundo. (4) Em fim, declara que o efpirito da difputa não he o da Igreja. (5)

Não ha advertencia mais frequente nos livros do Sabio, que a que fe encaminha a regular-nos no commercio, que temos com o proximo, e a fazer-nos fugir do que póde excitar divisões e contendas. Nefte penfamento he que nos diz que as palavras do-

(2) Ibid. 9.

(3) *Si fieri poteft cum omnibus hominibus pacem habentes.* Rom. 12. 18.

(4) *Servum Domini non oportet litigare, fed manfuetum effe ad omnes.* 2. Tim. 2. 24.

(5) *Siquis videtur contentiofus effe, nos talem confuetudinem non habemus, neque Ecclefia Dei.* 1. Cor. 11. 16.

ces multiplicão os amigos, e adoção os inimigos; (6) e que os homens de conhecida bondade são cheios de doçura e complacencia. (7)

N'outro lugar diz que as respostas brandas aplacão a colera, e as duras excitão o furor. (8) N'outra parte declara que o Sabio faz-se amar por suas palavras. (9)

Em fim de tal sorte exalta esta virtude, que a chama arvore da vida, porque nos procura o descanço assim nesta, como na outra vida. (10)

Quiz ainda ensinar-nos que o proveito que nos traz, fazendo que nos amem, he preferivel ás cousas que os homens mais desejão, que são a honra e a gloria. Este he o sentido das seguintes palavras: *Filho, fazei as vossas obras com doçura, e sereis ama-*

(6) *Verbum dulce multiplicat amicos & mitigat inimicos.* Eccli. 6. 5.

(7) *Et lingua eucharis in homine bono abundat.* Ibid.

(8) *Responsio mollis frangit iram, sermo durus suscitat furorem.* Prov. 15. 1.

(9) *Sapiens in verbis seipsum amabilem facit.* Eccli. 20. 13.

(10) *Lingua placabilis, lignum vitæ.* Prov. 15. 4.

amado mais que a gloria dos homens. (11)

O Sabio compara a paz ás duas cousas, que os homens pertendem principalmente receber huns dos outros, que são o amor e a gloria. A gloria vem da idéa da excellencia : o amor nasce da idéa da bondade, a qual se manifesta pela doçura. Nesta comparação nos ensina, que ainda que a estimação dos homens lisongee mais a nossa vaidade, he com tudo melhor ser delles amado. A razão he ; porque estimando-nos, só temos entrada no seu entendimento; e amando-nos, a temos no seu coração. A inveja acompanha muitas vezes a estimação; mas o amor extingue todas as paixões malignas, que são quem perturba o nosso descanço.

(11) *Fili in mansuetudine opera tua perfice, & super hominum gloriam diligeris.* Eccli, 3. 19.

CAPITULO III.

Razão, por que devemos ter paz com quem vivemos.

POdem tirar-se da Escritura razões infinitas, que nos excitem a conservar por todos os meios possiveis a paz com os homens.

1. Nada ha tão conforme ao espirito da Lei nova, como a prática desta obrigação, á qual, póde dizer-se, que esta Lei nos conduz por sua mesma essencia. A concupiscencia, que he a Lei da carne, desunindo o homem de Deos, o desune de si mesmo pela rebeldia das paixões contra a razão, e dos outros homens, fazendo-o seu inimigo, e induzindo-o a que procure erigir-se em seu tyranno. A caridade pelo contrario, que he a Lei nova, que Jesus Christo trouxe ao mundo, repara as desuniões, que o peccado ha produzido; reconcilia o homem com Deos, sujeitando-o ás suas Leis; comsigo, sujeitando as suas paixões á razão; em fim com todos os ho-

homens, tirando-lhe o desejo de dominallos.

Hum dos principaes effeitos desta caridade para com os homens he applicar-nos a conservar a paz com elles; pois he impossivel que ella seja viva e sincera no coração, sem que nelle produza esta applicação. Tememos naturalmente offender aquelles que amamos. Este amor representando-nos grandes e importantes as faltas que commettemos contra os outros, e leves e pequenas as que elles commettem contra nós, extingue por aqui a mais ordinaria origem das queixas, que quasi sempre nascem daquellas falsas idéas, que engrossão á nossa vista tudo o que nos toca em particular, e diminuem tudo o que toca aos outros.

2. He impossivel amar os homens, sem que se deseje servillos; e he impossivel servillos, sem estar bem com elles; de sorte que a mesma obrigação que, segundo a Escritura, (1) temos de servir os outros homens, do modo que pudermos, nos obriga tambem

(1) Galat. 6. 2.

bem a que nos conſervemos com elles em paz, por ſer ella a porta do coração, que fechada pelo odio, ſe nos faz inteiramente inacceſſiavel.

3. He verdade que nem ſempre eſtamos em eſtado de ſervillos, fazendo-lhes diſcurſos que os edifiquem; mas ha outros modos de os ſervir. Podemos ſervillos pelo ſilencio, pelos exemplos de modeſtia, de paciencia, e de todas as mais virtudes; mas a paz e união he que os diſpõe, para que delles ſe aproveitem.

A caridade não ſó abraça todos os homens, mas abraça-os em todo o tempo. Aſſim devemos ter paz com todos elles e em toda a occaſião; porque não ha tempo, em que não devamos amallos e deſejemos ſervillos; e por conſequencia não o ha tambem, em que não devamos tirar da noſſa parte todos os obſtaculos que puderem embaraçar eſtes officios. O obſtaculo maior he o deſvio e a aversão que os homens nos podem ter. Mas elle não nos impede; porque quando não poſſamos conſervar com elles a paz inte-

terior, que consiste na união dos sentimentos, procuremos ao menos conservar a exterior, que consiste nas obrigações da civilidade humana, a fim de que nos não façamos incapazes de os servir algum dia, e para que mostremos a Deos o desejo sincero que temos de fazer este serviço.

Demais, se actualmente os não servimos, ao menos somos obrigados a não lhes fazer mal. He fazer-lhes mal, incitallos por nossas offensas a que se desgostem de nós. He causar-lhes verdadeiro damno, dispollos pelo retiro, que farão da nossa presença, a que formem máo conceito das nossas acções e palavras, a que fallem dellas com offensa da sua consciencia, a que desprezem ainda a verdade proferida pela nossa boca, e a que não amem a justiça, quando a defendemos.

Não he pois só o interesse dos homens, he tambem o da verdade, quem nos obriga a não irritallos inutilmente contra nós. Se a amamos, devemos evitar fazella odiosa pela nossa imprudencia, e não impedir que ella entre

no

no coração e efpirito dos homens, fechando-os a nós mefmos. Para que evitemos efte defeito he que a Efcritura nos adverte que *os Sabios ornão a fciencia*, (2) ifto he, que a fazem veneravel; e que o apreço, que elles adquirem por fua moderação, faz parecer mais augufta a verdade que annuncião, ao mefmo paffo que fazendo-fe defprezar, ou aborrecer dos homens, a deshonrão; porque o defprezo e o odio paſsão de ordinario da peffoa á doutrina.

He certo fer impoffivel que as peffoas de vida ajuftada fe confervem fempre em paz com os homens, depois de lhes dizer Jefus Chrifto que não devião efperar da parte delles hum tratamento diverfo daquelle que elles lhe derão. Por efta mefma razão he que S. Paulo, exhortando-nos a confervar a paz com elles, põe a feguinte claufula, *fe he poffivel.* (3) Sabía muito bem o Apoftolo que nem fempre he poffivel efta confervação; porque ha oc-

(2) Prov. 15. 2.
(3) *Si fieri poteft.* Rom. 12. 18.

occasiões, em que de necessidade devemos arriscar-nos a irritallos, oppondo-nos ás suas paixões. Mas para que o façamos utilmente, e sem hum justo receio de contribuir ás tristes consequencias, que nascem algumas vezes desta opposição, he necessario evitar com summo cuidado irritallos inutilmente por cousas de pouca importancia, ou por hum modo muito aspero; porque só aquelles, que disfarção aos outros quanto está em seu poder, são os que podem reprehendellos com fruto.

S. Pedro conhecendo bellamente ser inevitavel que os Christãos soffrão e sejão perseguidos, recommenda-lhes que não mereção por seus crimes o que padecem. (4) Do mesmo modo póde-se-lhes dizer, que sendo tambem inevitavel ser aborrecidos dos homens, devem evitar com todo o cuidado fazer-se odiosos por sua imprudencia e indiscrição; e perder desta sorte o merecimento que podem adquirir por esta especie de soffrimento.

Ha

(4) 2. Petr. 4. 14. 15.

Ha ainda outra razão que faz a paz neceſſaria, e que nos obriga a procuralla quanto nos he poſſivel. He ella a correcção fraterna, que o Evangelho expreſſamente nos recommenda como huma obrigação eſtreitiſſima. (5) Com tudo he certo que pouca gente póde praticalla utilmente, ſem que cauſe mais mal do que bem aos que reprehende. Mas por eſte motivo não deve cada hum julgar-ſe diſpenſado da ſua obſervancia. Como ninguem he livre de culpa diante de Deos, quando por ſua imprudencia ſe impoſſibilita para praticar a caridade corporal, e o Senhor nos impute o defeito das boas obras, de que nos privamos culpavelmente, não devemos da meſma ſorte julgar-nos izentos de peccado, quando a noſſa negligencia em conſervar a paz com o proximo nos reduz á impoſſibilidade de praticar com elle a caridade eſpiritual, que lhe devemos.

Em fim o noſſo intereſſe eſpiritual, e a caridade, que devemos a nós meſmos,

(5) Matth. 18. 15.

mos, nos obrigão a evitar tudo o que póde desavir-nos com os homens, e constituir-nos objecto do seu odio ou do seu desprezo. Pois que nenhuma outra cousa he mais capaz de extinguir ou resfriar a caridade, que lhes devemos, nem mais difficultosa, que amar aquelles, em que não se acha senão frieza e aversão.

CAPITULO IV.

Regra geral para conservar a paz. Não offender alguem, nem offender-se de cousa alguma. Os modos de irritar os outros são os dous seguintes: contradizer as suas opiniões; oppôr-se ás suas paixões.

A Difficuldade não consiste em cada hum convencer-se da necessidade de conservar a união com o proximo; mas sim em conservalla effectivamente, evitando tudo o que a póde alterar. He certo que só huma caridade abundante produz este grande effeito. Mas entre os meios humanos, uteis

uteis a esta conservação, parece não haver outro mais proprio que applicar-se cada hum a conhecer bem as causas ordinarias das divisões, que succedem entre os homens, para que possa prevenillas. Considerando-as em geral, póde dizer-se que não nos desavimos dos homens, senão porque offendendo-os, os incitamos a que se separem de nós; ou porque dando-nos por offendidos das suas acções ou palavras, nos separamos delles, e renunciamos a sua amizade. Huma e outra cousa póde fazer-se, ou por hum rompimento manifesto, ou por huma frieza insensivel. Mas de qualquer modo que isto se faça, sempre estes descontentamentos reciprocos são as causas das divisões; e o meio unico de as evitar he não fazer cousa, que possa offender a outrem, nem offender-se de cousa alguma.

Nada ha mais facil que prescrever isto em geral. Mas poucas cousas ha mais difficultosas na prática. Póde dizer-se que esta regra he daquellas, que sendo muito curtas nas palavras, são

ex-

extensissimas no sentido , e encerrão na sua generalidade hum grande número de obrigações muito importantes. Por esta causa bom he declaralla, examinando mais particularmente porque meios se póde evitar offender os homens, e pôr o nosso espirito na disposição de que não se offenda do que elles podem fazer, ou dizer contra nós.

O meio que ha , para que cada hum seja feliz na prática da primeira destas obrigações , he saber o que os offende e lhes imprime a idéa da aversão e do retiro. Parece que as causas desta idéa podem reduzir-se a duas, e são : contradizer as suas opiniões e impugnar as suas paixões. Mas como isto póde fazer-se de diversos modos ; pois que as opiniões e paixões não são todas da mesma natureza , e ha homens que são mais sensiveis para humas que para outras , he necessario levar mais longe este estudo , considerando mais miudamente os juizos e paixões, cuja impugnação he mais perigosa.

CAPITULO V.

Causas do apego que os homens tem ás suas opiniões. Quaes são os mais sujeitos a este apego.

OS homens são naturalmente apegados ás suas opiniões, porque já mais não estão sem alguma cubiça, que os incite a appetecer reinar sobre os outros em todos os modos, que lhes são possiveis. Nelles reina-se de alguma sorte pela crença. Fazer que elles recebão as suas opiniões he huma especie de imperio. Assim a opposição que se encontra nisto offende á medida do amor, que se tem a esta casta de reinado. O homem põe a sua alegria, diz a Escritura, nos sentimentos que exprime. (1) Exprimindo-os, fallos seus; constitue-os seu bem; agarra-se a elles por interesse; e destruillos he destruir huma cousa que lhes pertence. Isto não póde fazer-se sem mostrar-lhe que se engana, e elle nada

(1) *Lætatur homo in sententiis oris sui.* Prov. 15. 23.

da goſta de ſer enganado. Quem contradiz a outrem ſobre algum ponto, pertende ao menos ter neſte ponto mais luzes que elle; e niſto lhe apreſenta ao meſmo tempo duas idéas deſagradaveis: huma, que tem falta de luzes; outra, que quem o contradiz, o excede na intelligencia das couſas. A primeira abate-o, a ſegunda irrita-o e excita a ſua inveja. Eſtes effeitos são mais vivos e mais ſenſiveis todas as vezes que a cubiça de reinar ſobre os outros he mais ardente e mais activa: mas poucas peſſoas ha que as não ſintão em algum grão, e que ſoffrão a contradicção ſem alguma eſpecie de colera.

Além deſta cauſa geral ha outras muitas, que fazem que os homens ſe apeguem mais aos ſeus penſamentos, ou ſejão mais ſenſiveis á contradicção. Ainda que parece que a piedade, diminuindo a eſtimação, que cada hum tem de ſi meſmo, e o deſejo de dominar ſobre o eſpirito dos outros, deve diminuir o apego aos ſeus proprios ſentimentos, muitas vezes ſuccede o

con-

contrario. Como as peſſoas eſpirituaes olhão para todas as couſas com viſtas eſpirituaes, e com tudo aconteça algumas vezes enganarem-ſe, acontece tambem algumas vezes eſpiritualizarem certas falſidades, e reveſtirem opiniões incertas, ou mal fundadas de razões de conſciencia, que as levão a ſuſtentallas com teima. De ſorte que applicando o amor que tem em geral para a verdade, virtude e intereſſes de Deos a eſtas opiniões, que ainda não examinárão bem; o ſeu zelo ſe excita e accende contra os que as combatem, ou moſtrão não eſtar dellas perſuadidos. E o que ainda conſervão de cubiça dominante, miſturando-ſe e confundindo-ſe com eſtes movimentos de zelo, propaga-ſe com tanta maior liberdade, quanta he menor a reſiſtencia que lhe fazem. Não diſtinguem eſtes dous movimentos que obrão no ſeu coração, porque o ſeu eſpirito não eſtá ſenſivelmente occupado, ſenão das razões eſpirituaes, que lhes parecem ſer a unica origem do ſeu zelo.

Por hum effeito deſta illusão ſecre-

ta vem-ſe peſſoas tementes a Deos apegarem-ſe a opiniões de Filoſofia, ainda que falſiſſimas, de ſorte, que olhão com piedade para os que as não ſeguem, tratando-os de amadores de novidades, ainda quando he indubitavel o que elles dizem. Parece não ſer poſſivel fallar-lhes contra as fórmas ſubſtanciaes, ſem que iſto lhes cauſe indignação. Intereſsão-ſe tanto por Ariſtoles e pelos Filoſofos antigos, como poderião intereſſar-ſe pelos Padres da Igreja. Algumas defendem o Sol de modo, que ſe perſuadem fazer-ſe injuria a eſte aſtro, ſe ſe affirma que elle he hum monte de atomos movido com velocidade. Não póde negar-ſe que a cubiça he que produz eſtes movimentos, que são certas maximas eſpirituaes, verdadeiras em geral, porém mal applicadas em particular. He bem certo que a novidade deve aborrecer-ſe. Tambem he certiſſimo que ſe não deve abater por capricho aquelles, que o conſentimento público das gentes ſabias ha julgado dignos de eſtimação. Mas com tudo iſto, quando

ſe trata de couſas, que não tem outras regras mais que a razão, a verdade conhecida deve preferir-ſe a todas eſtas maximas, as quaes ſó devem ſervir de fazer-nos mais circumſpectos, para que nos não deixemos enganar de ligeiras apparencias.

Todas as qualidades exteriores, que ſem augmentar os noſſos conhecimentos, contribuem a que nos perſuadamos de que temos razão, fazendo-nos apegar mais aos noſſos juizos, nos fazem tambem mais ſenſiveis ás contradicções. Deſtas ha muitas, que produzem em nós eſte effeito.

Os que fallão bem e com facilidade, eſtão ſujeitos a apegarem-ſe aos ſeus juizos, de ſorte que não os largão facilmente; porque crem que aſſim como excedem os outros fallando, os excedem tambem diſcorrendo. O exceſſo que lhes levão em fallar, he-lhes viſivel e palpavel; ao meſmo tempo que a ſua falta de luz e exacção no diſcurſo lhes he occulta. Demais; a facilidade que elles tem em ſe exprimir, dá hum certo brilhante aos ſeus

pen-

penſamentos , poſto que falſos , que os cega ; ao meſmo paſſo que os que fallão com difficuldade , obſcurecem as verdades mais claras , dando-lhes aſſim huma tal apparencia de falſidade , que muitas vezes são obrigados a ceder e moſtrar-ſe convencidos por lhes faltarem os termos neceſſarios para ſe deſembaraçarem deſtas reſplandecentes falſidades.

O que fortifica eſte apego nos que tem facilidade de dizer , he que elles de ordinario conſeguem que o commum das gentes abrace os ſeus ſentimentos ; porque eſte já mais não deixa de conceder a victoria da razão áquelles , que tem da ſua parte a vitoria da palavra. Eſta pública adhesão unida á ſua propria , faz que elles ainda mais ſe contentem dos ſeus penſamentos , julgando-os deſde eſte ponto conformes tambem á luz do ſentido commum. Mas aqui não ha outra couſa mais que receberem elles o que empreſtárão , e virem deſta ſorte a ſer enganados por aquelles que enganárão.

Ha outras muitas qualidades exte-

riores, que produzem o meſmo effeito, como por exemplo, a moderação, a circumſpecção, a deixação das couſas, a paciencia. Os que as poſſuem, comparando-ſe com os que as não tem, não podem deixar de lhes preferir neſte ponto; no que não commettem injuſtiça alguma. Mas como eſtas qualidades são mais ſenſiveis que as do eſpirito, e concilião crença e authoridade no mundo, as peſſoas que as tem, chegão muitas vezes a preferir o ſeu juizo ao daquellas que as não tem. Por huma vaidade groſſeira julgão que não excedem as outras na ſciencia, mas ſim na ſubtileza e modo com que ſe explicão; porque além da impreſsão que faz ſobre ellas a approvação do vulgo, a quem enganão por ſuas qualidades exteriores, applicão-ſe a notar os defeitos, em que as outras cahem, o modo com que propõem os ſeus ſentimentos, e inſenſivelmente chegão a reputar eſtes defeitos por defeitos da razão.

Ha peſſoas perſuadidas de que tendo cuidado de pedir a Deos as luzes ne-

necessarias para se conduzirem em certas occasiões difficultosas, isto lhes basta, para que prefirão os seus sentimentos aos daquellas, em que não observão a mesma vigilancia para a oração. Porém não advertem que o verdadeiro effeito deste exercicio não he tanto fazer-nos mais sabios, como produzir em nós mais desconfiança das nossas proprias luzes e dispôr-nos para seguirmos as dos outros. Muitas vezes succede que huma pessoa menos virtuosa tenha na realidade mais luz sobre hum certo ponto, que outra que tem mais virtude. Mas ao mesmo tempo toda esta luz lhe servirá muito menos por causa do máo uso que della faz, do que se tivera conseguido por suas orações assim a docilidade para receber as verdades propostas por outrem, como a graça de usar bem dellas.

Os que tem a imaginação muito viva, e que concebem fortemente as cousas, estão sujeitos a agarrarem-se ao seu juizo; porque a applicação viva que tem para certos objectos, lhes im-

impede eſtender, quanto baſte, a viſta do ſeu entendimento, para que formem hum juſto juizo, o qual depende da comparação de diverſas razões. De tal ſorte ſe occupão de huma razão, que não admittem as outras. Aſſemelhão-ſe propriamente áquelles, que eſtando muito perto dos objectos, delles não vem ſenão o que eſtá preciſamente diante de ſi.

Por muitas deſtas razões he que as mulheres, particularmente as que tem muita viveza de eſpirito, eſtão ſujeitas a ſer muito apegadas aos ſeus ſentidos. Ellas tem de ordinario hum eſpirito de imaginação mais vivo que extenſo; e aſſim occupão-ſe fortemente do que as fere, e no mais conſiderão muito pouco. Fallão bem e facilmente, e deſte modo concilião crença e eſtimação. São moderadas e exactas nas acções de piedade. Tudo iſto contribue para que eſtimem os ſeus penſamentos, e nada ha que as faça deſconfiar delles.

Em fim, tudo o que engradece os homens no mundo, como riquezas,

poder, authoridade, os faz insensivelmente mais apegados aos seus sentimentos, tanto pela complacencia e crença que estas cousas lhes concilião, como porque são menos costumados á contradicção, o que os faz mais sensiveis. Como muitas vezes não advertem que se enganão, costumão-se a crer que não se enganão, e admirão-se quando se intenta capacitallos de que estão sujeitos ao engano como os mais.

Será na verdade abuso destas observações geraes tomar dellas motivo para attribuir em particular este apego vicioso áquelles, em que se divisão qualidades capazes de o produzir. Ellas não o produzem necessariamente. Assim o uso que se deve fazer das taes observações não consiste em suspeitar, ou condemnar alguem em particular, porque nelle se vem estes sinaes incertos; mas em concluir que quando se trata com pessoas, que por seu estado, ou pela qualidade do seu espirito, podem ter este defeito, ou o tenhão ou não effectivamente, he sem-

ſempre util a cada hum conter-ſe, para que não impugne ſem grandes razões as ſuas opiniões e os ſeus ſentimentos. Eſta precaução não ſerá já mais nociva, antes póde ſer utiliſſima em certas occaſiões.

CAPITULO VI.

Quaes ſejão as opiniões mais perigoſas de combater.

HE neceſſario advertir que aſſim como ha maior perigo em contradizer mais humas peſſoas que outras, ha tambem opiniões a que ſe deve ter maior reſpeito. Taes são as que não ſendo particulares de alguma peſſoa do lugar, em que ſe vive, eſtão com tudo nelle eſtabelecidas por huma approvação geral. Quem as combate, moſtra querer elevar-ſe aſſima de todos os outros, e dá-lhes aſſim motivo a que ſe intereſſem na ſua defeza com mais calor do que na dos ſeus proprios ſentimentos. A malignidade natural, quando tem hum pretex-

texto honesto, de que se cubra, como tem quando se disfarça com o zelo de defender os seus superiores, ou o corpo a que pertence, he infinitamente viva e operaria.

Esta advertencia he de summa importancia, para que se conserve a paz. Percebe-se a sua extensão, sabendo-se que em toda a Sociedade reinão certas maximas, formadas pelo juizo daquelles que ahi são cridos e dominão por sua authoridade sobre os espiritos. Muitas vezes succede que aquelles mesmos, que as propõem, lhes tenhão pouco afferro por falta de clareza que nellas observão; mas isto não impede que os inferiores recebendo-as sem exame, e pelo caminho da simples authoridade, as abracem como indubitaveis; e fazendo consistir de ordinario a sua felicidade em as conservar a todo o custo, se elevem com zelo contra os que as impugnão. Estas maximas e estas opiniões tem algumas vezes por objecto cousas especulativas e questões de doutrina. Em huns lugares estima-se huma casta de

Fi-

Filoſofia , e n'outros outra. Ha partes , onde todas as opiniões ſeveras são bem recebidas , e partes onde ellas são ſuſpeitas. Algumas vezes dependem ellas da eſtimação que ſe faz de certas peſſoas , principalmente das que são da meſma Sociedade ; porque os que ahi são cridos , dão a cada huma o ſeu lugar , conforme o conceito que dellas formão , cujo lugar lhes he confirmado pela multidão , que authoriza o juizo dos Superiores , e que ſe acha ſempre prompta a defendello.

Ora como eſtes juizos poſsão ſer falſos e exceſſivos , póde acontecer que algumas peſſoas particulares deſta meſma Sociedade não os approvem , achando aquelles lugares mal concedidos. Se ellas então não usão de muita diſcrição , e não tomão grandes precauções , para não offenderem pela diverſidade dos ſeus ſentimentos aquelles , com quem vivem , he difficultoſo não ſerem condemnadas de preſumpção e temeridade , e os ſeus ſentimentos levados muito além do que penſão , ſendo accuſadas de deſprezar abſoluta-

men-

mente aquelles, de que não recebem tanta eſtimação, como os outros que ſeguem os ſeus juizos.

Para evitar eſtes e outros muitos inconvenientes, em que ſe póde cahir, combatendo as opiniões recebidas, he neceſſario em qualquer lugar e Sociedade que ſe viva, fazer hum plano das opiniões reinantes, e do lugar que cada huma ahi poſſue, para ter com ellas todas as attenções que a verdade e a caridade podem permittir.

Póde acontecer que muitas deſtas opiniões ſejão falſas, e que muitos deſtes lugares ſejão mal concedidos; mas o primeiro cuidado que deve ter quem intenta combatellas, he deſconfiar de ſi meſmo neſte ponto. Porque ſe nos homens ha huma fraqueza natural, que os diſpõe a deixarem-ſe arraſtar ſem exame dos ſentimentos de outrem, ha nelles tambem huma malignidade natural, que os incita a contradizer os juizos alheios, principalmente os daquelles que gozão de muita reputação. Ora he mais preciſo evitar eſte vicio que outro qualquer; porque

que he mais contrario á Sociedade, e mostra haver no coração e no espirito, em que reina, maior desordem. Para se lhe resistir, he necessario favorecer, quanto for possivel, as opiniões dos outros; gostar muito de poder approvallas, e que lhe sirva de argumento, de que se enganará, o serem ellas recebidas e abraçadas pelos outros.

CAPITULO VII.

A impaciencia, que incita a contradizer os outros, he hum defeito consideravel. Não ha obrigação de impugnar todas as falsas opiniões. He necessario ter huma circumspecção geral, e não communicar os seus segredos, o que he difficultoso ao amor proprio.

A Impaciencia, que incita a contradizer os outros com calor, vem de soffrermos de má vontade, que elles sigão pareceres differentes dos nossos. Porque elles são contrarios ao nosso sentido, e não porque o sejão á ver-

verdade, he que nos ferem. Se o nosso fim, contradizendo os outros, fora o seu proveito, tomariamos outras medidas e outros caminhos. Contradizendo-os, queremos sujeitallos ás nossas opiniões, e ser-lhes superiores, ou para melhor dizer, queremos tirar huma pequena vingança do aggravo que nos fizerão, quando impugnárão o nosso sentido. Neste procedimento ha a hum mesmo tempo soberba, que nos faz sentir este aggravo; falta de caridade, que nos incita a vingarmo-nos por huma contradicção indiscreta; e hypocrisia, que nos faz cubrir estes sentimentos corruptos com o pretexto do amor da verdade, e do desejo caritativo de tirar os outros dos seus erros, quando na realidade tudo isto se ordena á nossa propria satisfação. Assim póde-se applicar-nos com toda a justiça o que diz o Sabio: *As advertencias feitas pelo homem, que quer injuriar, são falsas e enganosas.* (1) Não he porque elle diga sempre cousas

(1) *Est correptio mendax in ira contumeliosi.* Eccli. 19. 28.

ſas falſas; mas porque procura degradar-nos da noſſa reputação, e inſultar-nos, moſtrando não ter outro deſignio, ſenão a emenda de algum defeito.

Devemos pois conſiderar eſta impaciencia, que nos eleva ſem diſcernimento contra tudo o que nos parece falſo, como hum defeito muito conſideravel, e muitas vezes não pouco maior que o erro, de que queremos livrar os outros. Devendo nós a nós meſmos a primeira caridade, o noſſo primeiro cuidado deve ſer trabalhar ſobre nós meſmos, procurando pôr o noſſo eſpirito em eſtado de ſoffrer em ſocego as opiniões dos outros, que nos parecerem falſas, a fim de que nunca as combatamos, ſenão levados do deſejo de lhes ſer uteis.

Se eſte fora o noſſo animo, facilmente conheceriamos que ainda que todo o erro ſeja hum mal, com tudo ha muitos, cuja deſtruição não he bem que ſe procure com esforço. Muitas vezes o remedio he peior que o mal. Quem ſe applica a extinguir os pequenos males, chega a impoſſibilitar-ſe pa-

ra

ra remediar os que são verdadeiramente importantes. Jeſus Chriſto poſſuia toda a verdade, como diz S. João, (2) e não ſe vê com tudo que elle emprendeſſe tirar os homens de outros erros, ſenão dos que dizião reſpeito a Deos e aos meios da ſua ſalvação. Sabía todas as falſidades, em que cahião, nas materias da natureza. Conhecia melhor que ninguem, em que conſiſtia a verdadeira eloquencia. A verdade de todos os ſucceſſos lhe era perfeitamente conhecida. Com tudo não ordenou aos ſeus Apoſtolos que combateſſem os erros dos homens na Fyſica, que os enſinaſſem a fallar bem, e que os tiraſſem dos infinitos erros de *facto*, de que eſtão cheias as ſuas hiſtorias.

Nós não ſomos obrigados a ſer mais caritativos que os Apoſtolos. Aſſim percebendo nós que contradizendo certas opiniões, que não tem por objecto ſenão couſas humanas, offendemos e irritamos muitas peſſoas, e lhes ſervimos de occaſião a que fa-
ção

(2) Joan. 1. 14.

ção juizos temerarios e injuſtos ; não ſó podemos deixar de as combater, mas ſomos a iſſo obrigados pela lei da caridade.

Eſta circumſpecção deve na prática ſer completa. Não baſta não contradizer na face aquelles, que julgamos eſtar obrigados a tratar attentamente, he neceſſario ainda, que a ninguem revelemos o conceito que delles formamos, porque eſta revelação he inutil. Muitas vezes ha mais perigo em revelar aos outros o que penſamos das peſſoas, que por ſeu credito e authoridade reinão ſobre os eſpiritos de huma Sociedade, do que dizello a ellas meſmas. Aquelles, a quem deſcubrimos os noſſos penſamentos, poſſuindo menos luzes, menos rectidão, menos caridade, mais falſo zelo e mais ardor, dão-ſe por mais offendidos, do que ſe darião aquelles meſmos de que fallamos, ſe lhos diſſeſſemos. Em fim, porque rara he a peſſoa de ſegredo; pois o ordinario e commum das gentes he contar a huns o que delles diſſerão os outros, e contar-lho ainda de

hum

hum modo que os offende muito mais, do que ſe offenderião, ſe a couſa lhes fora contada, como ſe diſſe na realidade, aſſento que o meio unico de evitar eſtes inconvenientes he guardar com todo o mundo huma circumſpecção quaſi geral.

Eſta precaução he muito neceſſaria, mas he difficultoſa. Condemnar huma couſa no coração, julgar-ſe obrigado a não revelalla, e deixar de a revelar, não he couſa facil. O amor proprio procura naturalmente eſta deſcarga, e contenta-ſe com ter ao menos huma teſtemunha do ſeu ſilencio. Eſte vapor maligno, que nos provoca a contradizer o que nos offende, vendo-ſe prezo em hum eſpirito pouco mortificado, faz continuos esforços para ſahir deſta prizão, e a afflicção que cauſa, augmenta-ſe muitas vezes pela violencia, que ſe emprega em reprimillo. Mas quanto mais vivos são eſtes esforços, tanto mais devemos concluir a obrigação que temos de rebatellos, e que nos não devem importar as vidas alheias, quando temos tanta

neceſſidade de trabalhar a favor das noſſas.

Reſiſtindo aſſim a eſte deſejo de fallar dos defeitos alheios, quando a prudencia não permitte deſcubrillos, virá a ſucceder ao depois ou reconhecermos que inteiramente não tinhamos razão, ou acharmos tempo proprio de os deſcubrir com fruto; e deſte modo praticaremos o que nos ordena a Eſcritura neſtas palavras: *O homem de bom ſentido reterá em ſi meſmo as ſuas palavras até hum certo tempo, e as linguas de muitos publicaráõ a ſua prudencia*: (3) ou quando nem huma, nem outra couſa aconteça, gozaremos ſempre do bem da paz, e poderemos juſtamente eſperar a recompenſa deſte ſilencio, de que ſeriamos privados, ſe nos entregaſſemos ás noſſas paixões.

CA-

(3) *Bonus ſenſus uſque in tempus abſcondet verba illius, & labia multorum enarrabunt ſenſum illius.* Eccli. 1. 30.

CAPITULO VIII.

Para contradizermos os outros, he necessario attender ao conceito que elles formão de nós.

SE para contradizer os outros he necessario, como já disse, attender á sua qualidade, ao seu espirito e ao seu estado, he-nos ainda mais necessario attender a nós mesmos e ao estado, em que estamos no seu conceito. As opiniões dos outros não se hão de combater, senão no designio de procurar-lhes alguma utilidade. Para isto requer-se ver se estamos em estado de procurar-lha. Nós não podemos conseguir-lha, senão persuadindo-os. Os meios de os persuadir são dous sómente, a authoridade e a razão. He necessario conhecer bem o que se póde por hum e por outro.

O mais fraco he sem dúvida o da razão; e quem não tem senão este, não póde, empregando-o, esperar grande fruto; porque na maior parte das gentes só a authoridade faz effeito. Pelo

que convem que neſte ponto façamos ſobre nós hum exame particular. Achando que não temos o credito e a eſtimação neceſſaria para fazer receber fructuoſamente as noſſas advertencias, devemos então de ordinario perſuadir-nos que Deos nos diſpenſa de dizer o que julgamos das couſas, que nos parecem dignas de cenſura; e que neſta occaſião não pede de nós ſenão o ſilencio. Se fizermos o contrario, a noſſa infamia, a perturbação da paz dos outros, e tambem a perda da noſſa ſerão o fruto dos noſſos trabalhos.

O conſelho que Platão dá de que ninguem pertenda reformar e eſtabelecer nas Républicas, ſenão o que julga poder fazer approvar pelos Cidadãos que as compõem: *Tantum contendere in Republica, quantum probare civibus tuis poſſis*, não deve entender-ſe ſó dos Eſtados, mas deve entender-ſe tambem de todas as Sociedades particulares. Sendo penſamento de hum Pagão, he juntamente huma verdade e huma regra chriſtã enſinada por Santo Agoſtinho, como abſolutamente ne-

necessaria ao governo da Igreja. *O verdadeiro pacifico* (diz este Santo) *he aquelle, que corrige o que póde das desordens que conhece; e que reprovando por huma luz recta aquelles, que não póde corrigir, não deixa de supportallos com inalteravel firmeza.* (1) Se este Padre dá esta regra áquelles mesmos, que estão encarregados do governo da Igreja; se elle quer que a paz seja o seu principal objecto, e que para que a não perturbem, soffrão infinitas cousas, quanto não he ella mais necessaria aos que não tem governos, e que só lhes importa a obrigação commua a todos os fieis de contribuir com o que podem ao bem dos seus irmãos?

No estado politico he tido por sedicioso aquelle, que quer reformar as desordens, não occupando emprego que lhe dê esse direito: tambem nas Sociedades devem ter-se por sediciosos aquelles particulares, que não tendo authoridade, se levantão contra os sentimentos ahi estabelecidos, e que por

(1) *De Serm. Dom. in Monte.* Liv. 1. c. 20. n. 63.

por esta sua opposição perturbão a paz de todo o corpo. Isto com tudo não deve entender-se senão das desordens, que ha obrigação de tolerar, e que não são tão consideraveis como a perturbação que se seguiria de ser combatidas. Algumas ha taes, que os mesmos particulares devem impugnar; mas destas não fallo eu agora.

CAPITULO IX.

Contradizendo os outros, he necessario evitar certos defeitos.

AS maximas que temos proposto, não devem levar-se até fazer hum escrupulo geral de mostrar nas conversações, que não approvamos algumas opiniões seguidas daquelles, com que vivemos. Semelhante escrupulo destruiria a Sociedade em vez de a conservar. A' vista de hum rigor tão aspero, cada hum quereria antes viver comsigo só, do que ter communicações. Esta reserva pois deve reduzir-se ás cousas mais essenciaes, e áquellas em

que

que virmos que as gentes tem maior interesse. E ainda então póde ser que hajão meios de as contradizer, de sorte que seja impossivel darem-se por offendidas. He necessario pois fazer-se nisto hum estudo particular; porque o commercio da vida não póde subsistir, quando falta a liberdade de mostrar publicamente que nem sempre se podem seguir os sentimentos dos outros.

He cousa utilissima estudar cada hum cuidadosamente como poderá propôr o seu parecer de hum modo tão doce, tão comedido e tão agradavel, que ninguem possa offender-se. As pessoas do mundo praticão isto admiravelmente a respeito dos Grandes, porque a cubiça lhes faz descubrir os meios. Nós os descubririamos do mesmo modo, se a caridade em nós fora tão activa, como nellas he a cubiça; e nos fizesse temer tanto aggravar os nossos irmãos, que devemos respeitar como nossos Superiores no reino de Jesus Christo, quanto as pessoas do mundo temem offender aquelles, de que julgão estar pendente a sua fortuna.

Es-

Eſta prática he tão importante e tão neceſſaria em todo o tempo da vida, que sería preciſo empregar hum cuidado eſpecial em reduzilla a exercicio. Muitas vezes não são tanto os noſſos ſentimentos que offendem os outros, como o modo ſoberbo, preſumpçoſo, apaixonado, deſprezador e inſolente com que os exprimimos. He neceſſario pois aprender a contradizer civilmente e com humildade, e reſpeitar as faltas que niſto ſe commettem, como faltas da maior conſideração.

He couſa difficultoſa comprehender em regras e preceitos particulares todos os diverſos modos de contradizer as opiniões dos outros ſem offendellos. As circumſtancias são quem os faz naſcer, e o temor caritativo de aggravar os noſſos irmãos quem os deſcobre. Ha porém certos defeitos geraes, que devem andar á viſta, para que ſe evitem com ſummo cuidado, pois são as fontes ordinarias deſtes máos modos. O primeiro he aquelle ar imperioſo, com que alguns exprimem os ſeus ſentimentos; ar, que poucas

gen-

gentes podem soffrer ; tanto porque elle representa a imagem de huma alma soberba e altiva , objecto de huma natural aversão , como porque parece querer dominar sobre os espiritos dos outros , e ser seu senhor. Este ar he bastantemente conhecido , e assim he necessario que cada hum observe em particular a causa de que procede.

He por exemplo huma especie de imperio naquelle que affligindo-se , porque o não crem , passa a reprehender os seus respectivos incredulos. Isto he o mesmo que accusar aquelles , com que fallamos , ou de huma patetisse , que lhes impede perceber as nossas razões , ou de huma teima , que lhes não permitte ceder á força dos nossos discursos. Pelo contrario devemos persuadir-nos que os que senão convencem das nossas razões , não serão convencidos pelas nossas reprehensões ; porque estas são incapazes de illustrar-lhes o entendimento. Elles sómente estão persuadidos que preferimos o nosso juizo ao seu , e que não fazemos caso de offendellos.

He

He tambem defeito grandiſſimo fallar de hum tom deciſivo, como ſe o que ſe diz não pudeſſe ſer juſtamente impugnado. Offendem-ſe aquelles a que aſſim ſe falla, fazendo-lhes ſentir que impugnão huma couſa indubitavel, ou que ſe lhes quer tirar a liberdade de examinalla, e de fazer della por ſuas luzes o ſeu conceito; o que lhes parece hum injuſto dominio.

Para que os Religioſos evitaſſem eſte modo offenſivo he. que hum Santo lhes ordenava temperar todos os ſeus diſcurſos com o ſal da dúvida, oppoſto a eſte ar dogmatico e deciſivo: *Omnis ſermo veſter dubitationis ſale ſit conditus*. Elle julgava que a humildade não permittia arrogar hum conhecimento tão claro da verdade, que não deixaſſe lugar á dúvida.

Os que tem eſte ar affirmativo não ſó moſtrão que não duvidão do que dizem, mas tambem que não querem que diſſo poſſa duvidar-ſe. Ora iſto he querer muito dos outros, e preſumir muito de ſi: cada hum quer ſer juiz das ſuas opiniões, e não quer re-

ce-

cebellas ſenão porque as approva. Tudo o que lucrão as peſſoas, que tem eſte defeito, he applicarem-ſe as outras mais efficazmente ás razões de duvidar do que ellas dizem; porque o ſeu modo de fallar excita hum deſejo occulto de contradizellas, e de moſtrar que o que dizem com tanta ſegurança não he certo, ou o não he tanto quanto pensão.

O empenho que cada hum moſtra para as ſuas opiniões, he hum defeito diverſo dos que tenho notado, porque eſtes são compativeis com a indifferença. Aquelle faz crer que ellas são ſeguidas, não ſó por perſuasão, mas tambem por paixão; o que para muitos he hum ſinal de que são falſas, e nelles produz huma impreſsão inteiramente contraria á que pertende produzir o empenhado. A ſuſpeita ſó de que huma opinião he ſeguida mais por paixão do que por força da razão, lha faz ter por ſuſpeitoſa. Elles lhe reſiſtem como a huma injuſta violencia, ordenada a introduzir por força as couſas no ſeu eſpirito; e tomando muitas ve-

zes

zes eſtes ſinaes de paixão por injurias, chegão a defender-ſe com o meſmo vigor com que são atacados.

Uſar na diſputa de termos injurioſos, e que moſtrão deſprezo, he hum defeito tão viſivel, que não he neceſſario advertillo. Mas convem notar que ha certas rudezas e certas incivilidades, que ſabem a deſprezo, poſto que poſsão vir de outro principio. He muito baſtante perſuadir aos que pertendemos contradizer que errão, e que ſe enganão, ſem lhes fazer ſentir por termos duros, que nos ſeus diſcurſos não achamos a menor apparencia de razão. A mudança de opiniões, a que queremos levallos, he aſsás dura á natureza, ſem que lhe accreſcentemos novas durezas. Eſtes termos ſó podem ſer bons nas refutações que ſe fazem por eſcrito, onde mais ſe intenta perſuadir aos que as lem, a pouca ſciencia do refutado, do que perſuadir iſto a elle meſmo.

Em fim, a ſeccura, que não conſiſte tanto na dureza dos termos, como na falta de certos agrados, de ordinario

rio tambem offende, porque ella traz comſigo alguma eſpecie de indifferença e de deſprezo. Ella deixa a chaga, feita pela contradicção, ſem remedio, que poſſa diminuir a ſua dor. Ora não he ter a devida attenção com os homens, motivar-lhes alguma pena, e não moſtrar ao depois ſentimento, nem procurar adoçalla. Eis-aqui o que a ſeccura não faz; porque conſiſte propriamente em não fazello, e em dizer duramente as couſas duras. Tratamos com circumſpecção aquellas peſſoas, que nos são amaveis e eſtimaveis; e áquellas, que não tratamos do meſmo modo, moſtramos que nem lhes temos amizade, nem dellas fazemos eſtimação.

CA-

CAPITULO X.

Quaes ſejão os mais obrigados a evitar os defeitos aſſima referidos. He neceſſario que cada hum regule o ſeu interior do meſmo modo que o ſeu exterior, para não offender aquelles com que vive.

NInguem ha que não ſeja obrigado a evitar os defeitos, que aſſima referimos. Mas eſta obrigação recahe mais ſobre humas do que ſobre outras peſſoas; porque em humas são mais offenſivos e mais viſiveis que n'outras. O ar imperioſo, por exemplo, não he tamanho defeito em hum Superior, em hum velho, em hum homem de qualidade, como em hum inferior, em hum mancebo de pouca conſideração. Póde-ſe dizer o meſmo dos outros defeitos, porque elles offendem menos na realidade, quando eſtão em peſſoas conſideraveis e de authoridade. Neſtas quaſi ſe confundem com a juſta confiança, que lhes concede a ſua dignidade, e parecem muito menores.

Mas

Mas elles são extraordinariamente aggravantes nas pessoas communas, e de que não se espera senão hum ar modesto e moderado.

Os sabios na qualidade de sabios quererião arrogar a si o direito de fallar dogmaticamente de todas as cousas; mas enganão-se. Os homens não tem concedido este privilegio á sciencia verdadeira, mas sim á sciencia reconhecida. Se a nossa não he desta classe, he no conceito dos outros, como se o não fora; e assim ella não nos dá direito algum de fallar decisivamente; pois que tudo o que dizemos, deve sempre proporcionar-se ao espirito daquelles a quem fallamos, e esta proporção depende da estimação e da crença que elles nos dão, e não da verdade.

Para fallar pois com authoridade e decisivamente, he necessario ter ao mesmo tempo sciencia e crença. Faltando huma ou outra, quasi sempre se dão as gentes por offendidas. Daqui segue-se que as pessoas feias, os homens pequenos, e geralmente todos os

que

que tem defeitos exteriores e naturaes; por mais habeis que ſejão, são mais obrigados que os outros a fallar modeſtamente, e evitar o ar imperioſo e de authoridade. Porque ao menos que não ſejão de hum merecimento muito extraordinario, he bem raro que os reſpeitem e attendão. Quaſi todos olhão para elles com algum genero de deſprezo; porque eſtes defeitos ferindo os ſentidos, arraſtrão a imaginação, e poucas peſſoas ſe deixão tocar das qualidades eſpirituaes, e muitas menos são capazes de as diſcernir.

Deve concluir-ſe daqui, que os principaes meios para não offender os homens ſe reduzem ao ſilencio e á modeſtia, iſto he, á ſuppreſsão dos ſentimentos, que podem irritar; menos que a utilidade de os expôr não ſeja muito grande, e a obſervar as medidas neceſſarias, quando houver obrigação de os exprimir, que tirem á contradicção, quanto poſſivel for, a ſua dureza.

Mas a obſervancia deſtas regras não ſerá já mais fructuoſa, ſe reformado

do o exterior, não ſe procura reformar tambem o interior. O coração, ſegundo o Sabio, he quem regula as noſſas palavras. (1) He neceſſario pois adquirir a ſabedoria e a humildade do coração, gemendo diante de Deos os movimentos de ſoberba que ſentimos, pedindo-lhe de contínuo o dom de reprimillos, e procurando entrar nas diſpoſições, de que a circumſpecção he huma conſequencia natural, e que ſem trabalho a produzem, quando nellas eſtamos bem eſtabelecidos.

Para iſto he neceſſario tocarmo-nos vivamente do perigo, a que nos expomos, offendendo os outros pela noſſa indiſcrição. As chagas das almas tem iſto de commum com as dos corpos, que ainda que todas não ſejão mortaes de ſua natureza, podem vir a ſer, ſe as irritão e inficionão. A gangrena póde proceder da menor arranhadura, ſe os humores malignos acodem á parte offendida. Do meſmo modo o menor deſgoſto, cauſado de huma contradicção imprudente, póde

(1) *Cor ſapientis erudiet os ejus.* Prov. 16. 23.

ſer motivo da morte eſpiritual de quem contradiſſe e de quem foi contradito; porque o deſgoſto póde por tempo vir a augmentar-ſe de ſorte, que extinga em ambos a caridade. Elle diſporá o contradito a dar má intelligencia a outras palavras, que facilmente ſoffreria, ſe o ſeu coração não eſtiveſſe já irritado. Será menos moderado a reſpeito do contraditor, e eſte procedimento fará com que elle lhe falle com mais dureza n'outras occaſiões; e eſtas vindo a ſer então mais frequentes, aquelle deſgoſto ſe converterá em hum odio, que deſterre inteiramente a caridade.

Eſtes accidentes não são ſó poſſiveis, mas ordinarios. Raras vezes acontece que as inimizades e os odios, que matão a alma, não ſejão precedidos, e não andem ainda annexos a huns pequenos deſgoſtos, que as indiſcrições produzem. Por eſta razão não me admiro que o Sabio peça com tanta inſtancia a Deos, que imprima hum ſello ſobre os ſeus beiços, com medo de que a ſua lingua ſeja a ſua per-

perdição. (2) Eu entendo facilmente que elle nisto pedia a Deos, que o não deixasse proferir palavra sem sua ordem, da mesma sorte que nada se tira do lugar sellado sem licença de quem o sellou. Isto he, o Sabio desejava poder vigiar sobre todas as suas palavras com tanta exacção, que nenhuma deixasse de ser regulada, segundo as leis de Deos, que são as mesmas que prescreve a caridade; porque se alguem se applica só a vigiar sobre as que se apartão visivel e grosseiramente da caridade, he impossivel que lhe não escapem muitas, que produzem pessimos effeitos.

He pois estranha a condição dos homens nesta vida. Não só caminhão sempre para huma eternidade feliz ou infeliz, mas cada passo, cada acção, cada palavra os determina muitas vezes para hum destes dous estados. A sua salvação ou a sua perda podem estar pendentes destas cousas, posto que ellas não pareção ser de alguma con-

(2) *Super labia mea signaculum certum ne lingua mea perdat me.* Eccli. 22. 33.

ſequencia. Nós todos eſtamos ſobre a borda de hum precipicio, e baſta hum ſó paſſo dado em falſo, para que nelle caiamos. Huma palavra indiſcreta, alterando ao princípio o noſſo eſpirito, o noſſo proprio pezo he capaz de arraſtrallo ao depois até o abyſmo.

CAPITULO XI.

He neceſſario reſpeitar os homens, e não ter por dura a obrigação que ha de tratallos com circumſpecção. He hum bem não ter authoridade, nem crença.

NAõ baſta tratar com circumſpecção os homens, he neceſſario ainda reſpeitallos. Nada ha que poſſa mais affaſtar-nos de offendellos, que o reſpeito interior que lhes tivermos. Os ſervos nenhuma difficuldade ſentem em não contradizer os ſeus Senhores, nem os Cortezãos em não contrariar os Reis, porque a diſpoſição interna da ſujeição, em que vivem, aplaca o impeto dos ſeus ſentimentos, e di-

ri-

rige insensivelmente as suas palavras. Nós estariamos no mesmo estado a respeito de todos os Christãos, se os considerassemos como nossos Superiores, e como nossos Senhores, assim como no-lo ordena S. Paulo; (1) se nelles considerassemos a Jesus Christo; se nos lembrassemos que os poz em seu lugar; e se em vez de applicarmos o nosso espirito aos seus defeitos, o applicassemos aos motivos, que temos para estimallos e preferillos a nós.

Sobre tudo he necessario não ter por dura e incommoda a obrigação do silencio, da moderação e da modestia nas palavras; mas sim tella por feliz, favoravel e vantajosa, porque nada melhor que ella póde conservar-nos na humildade, que he a maior dita dos Christãos. Ella he que nos deve fazer amavel tudo o que nos conduz ao abatimento, como por exemplo, a falta de authoridade, e os outros defeitos, que no-lo attrahem. Por huma parte he certo que os que não tem authoridade, nem crença, são obrigados,

(1) Phil. 2. 3.

dos, por muita ſciencia que tenhão, a fallar com mais modeſtia e mais reſpeito que os outros; mas por outra parte tambem he certo que elles devem ter iſto por mais ignominioſo.

Não he pequeno perigo ſer meſtre dos eſpiritos, e dar-lhes o movimento e as impreſsões que lhe parece; porque daqui ſegue-ſe communicar-lhes todas as falſidades, de que eſtá preoccupado, e todos os juizos temerarios que fórma. Aquelles porém que não ſe achão neſte eſtado, eſtão livres deſte perigo. Se ſe enganão, enganão a ſi ſós, e por ninguem são reſponſaveis. Não recebem dos que os communicão, eſtes elogios que fazem o maior alimento da vaidade. E como os homens pouco ſe intereſsão por elles, elles tambem ſe ſentem menos movidos a intereſſar-ſe pelos homens, e aſſim tem mais facilidade de não ver ſenão a Deos nas ſuas acções.

Para nos humilharmos, não he neceſſario buſcar directamente eſta privação de authoridade e de crença, quando nella temos incorrido por noſſos de-

defeitos. Mas de qualquer ſorte que nella incorramos, ſenão ſomos obrigados a amalla em ſi, devemos comtudo confeſſar que os ſeus effeitos nos são favoraveis; pois que eſte eſtado negando-nos eſte alimento da ſoberba, livra-nos de participar de muitas couſas perigoſas, e obrigando-nos a huma ſevera moderação nas palavras, defende-nos de infinitos perigos. He verdade que a referida privação nos tira o bem de edificar o noſſo proximo; mas como Deos nos encarregou mais particularmente a noſſa ſalvação que a dos noſſos irmãos, parece que ha mais razão para deſejalla, do que para aborrecella. Os que ſe achão reduzidos ao eſtado dito, ſeja qual for o caminho, por onde a elle vierão, tem juſtos motivos para dizer a Deos com confiança e alegria: He huma couſa excellente para mim terdes-me humilhado, a fim de que eu aprenda as voſſas ordenações cheias de juſtiça. (2)

CA-

(2) *Bonum mihi quia humiliaſti me, ut diſcam juſtificationes tuas.* Pſ. 118. 71.

CAPITULO XII.

Posto que a colera que os homens sentem, vendo combatidas as suas paixões, seja injusta, não convem combatellas. Ha tres generos de paixões, justas, indifferentes, injustas. Como devemos portar-nos a respeito das paixões injustas.

O Que dissemos dos meios de não offender os homens, contradizendo as suas opiniões, dá-nos muita luz para comprehendermos o modo, com que devemos tratallos nas suas paixões, das quaes fazem parte as suas mesmas opiniões. Se se picão de as ver combatidas, he porque as amão e vivem afferrados a ellas por paixão.

A colera que sentem, quando se faz opposição aos seus desejos, vem da mesma fonte, donde nasce a que experimentão, quando se combatem os seus pensamentos. Esta fonte he huma tyrannia natural, que lhes faz appetecer o dominio sobre todos os homens, e a sujeição de todos elles á

ſua vontade. Mas porque eſta tyrannia parece muito irracional, quando ſe deixa ver claramente, o amor proprio cuida em disfarçalla, occultando as paixões debaixo do véo da juſtiça, perſuadindo-os que a oppoſição não os offende, ſenão porque he injuſta e contraria á razão.

Mas ainda que eſte diſcurſo ſeja injuſto, e não deva fazer-ſe, a ninguem com tudo he juſto arriſcar-ſe a excitallo por ſua indiſcrição. Póde acontecer muitas vezes, que obrando mal aquelle, que ſe offende de não ver abraçadas as ſuas opiniões, obre ainda peior aquelle que não as abraça; porque falta a huma obrigação, a que a razão obriga, e he cauſa das culpas, que a colera faz commetter aos que a ſentem.

He neceſſario pois que cada hum ſe applique ao que deve ás inclinações dos outros, porque de outra ſorte he impoſſivel evitar as queixas, as murmurações, as querellas, que são inimigas da paz do eſpirito e da caridade, e por conſequencia contrarias

ao eſtado da vida verdadeiramente chriſtã.

Advirta-ſe que não procuramos aqui o meio de agradar aos homens, mas ſómente o meio de não deſagradar-lhes, e de não attrahir ſobre nós o ſeu odio, porque iſto baſta para a paz, de que fallamos. He verdade que ganhando a ſua affeição, melhor ſe conſegue a paz; porém muitas vezes eſta affeição cuſta muito a adquirir. Contente-ſe cada hum em não fazer-ſe aborrecido, e evitar as reprehensões e as queixas. O que não póde conſeguir-ſe ſenão eſtudando as inclinações dos homens, e ſeguindo-as tanto quanto a juſtiça pede, ou permitte.

Entre eſtas inclinações ha humas, que podem chamar-ſe juſtas, outras indifferentes, e outras injuſtas. As que são injuſtas não ſe devem já mais ſatisfazer poſitivamente; mas não he ſempre neceſſario reſiſtir-lhes. Quando ſe lhes reſiſtir, he ſempre preciſo comparar o bem e o mal, e ver ſe o bem que ſe eſpera deſta reſiſtencia, he maior que o mál que ella cauſará. Póde-ſe

ap-

applicar a toda a casta de pessoas esta regra, que dá Santo Agostinho para reprehender os Grandes do mundo: « Se » he para temer que irritando-os pela » reprehensão, elles obrem algum mal » maior que o bem que se pertende » procurar-lhes, não reprehendellos » então he conselho da caridade, e não » pretexto da cubiça. » (1) Demais: ninguem imagine que pouca virtude basta para soffrer com paciencia os defeitos, que se julgão não poder-se corrigir; e que a liberdade, que faz reprehender fortemente as desordens, seja mais rara e mais difficil que a disposição de huma pessoa, que geme diante de Deos, que faz violencia 'a si para calar-se, e que bem longe de desprezar os outros, serve-se delles para humilhar-se pela consideração da miseria commua dos homens. Esta disposição encerra ao mesmo tempo a prática da mortificação, reprimindo o impeto natural, que nos move contra aquelles, que não podemos corrigir; a da humildade, dando-nos huma idéa mais

(1) *De Civ.* liv. 1. cap. 9. n. 2.

mais viva da noſſa propria corrupção; e a da caridade, fazendo-nos ſupportar com paciencia os defeitos do proximo.

Em fim, reſiſte-ſe deſte modo a hũm dos grandes defeitos dos homens, qual he, intrometterem-ſe em tudo as ſuas paixões, de ſorte que até por influxo dellas elegem de ordinario as virtudes que hão de praticar. Querem reprehender os que deverião ſoffrer, e querem ſoffrer os que deverião reprehender. Cuidão dos outros, quando Deos lhes manda que cuidem de ſi ſós; e querem cuidar de ſi ſós, quando Deos quer que cuidem dos outros. Senão podem praticar certas acções de virtude, que tem no penſamento, deixão tudo, em lugar de ver que eſta impoſſibilidade, em que Deos os poz a reſpeito deſtas virtudes, lhes dá o meio de praticar outras, que lhe ſerião tanto mais agradaveis, quanto nellas terião menos parte a ſua vontade e a ſua eleição.

Ha ainda outro defeito, que póde commetter-ſe neſta materia, e vem

a

a ſer , tomar por officio oppôr-ſe ás paixões mais injuſtas , quando outros podem fazer eſta oppoſição com mais fruto. He viſivel que eſte ardor naſce de huma eſpecie de malignidade, que goſta de incommodar. Elle apparece tanto nas reprehensões juſtas, como nas injuſtas , e a malignidade facilmente acha pretextos juſtos para oppôr-ſe aos outros , perſuadida de que ſe os que elle faz intriſtecer padecem maior triſteza, he porque mais a tem merecido.

Eſta meſma regra nos obriga a ſeguir os caminhos menos picantes e mais doces, quando ſomos obrigados a fazer alguma acção deſagradavel ao proximo. Não nos pareça que para fazella ſem defeito , baſta termos razão na realidade, ſem que ſeja preciſo attender ao modo , com que ella pede ſer feita. Devemos empregar algum cuidado em diminuir a ſua amargura, e perſuadir áquelles, cujas paixões combatemos, que por neceſſidade e não por inclinação as impugnamos.

CA-

CAPITULO XIII.

Como deve cada hum portar-ſe a reſpeito das paixões indifferentes, e das juſtas dos outros.

CHamo paixões indifferentes aquellas, cujos objectos, não ſendo máos de ſi meſmos, podem amar-ſe ſem paixão e com razão, poſto que talvez ſe amem com hum apego vicioſo. Neſta materia podemos com mais liberdade ſeguir as inclinações dos outros, porque não ſomos ſeus juizes, e he neceſſaria huma inteira evidencia, para juſtamente julgarmos que elles tem demaziado apego a eſtes objectos por outra parte innocentes. Não ſabemos ſe eſtes apegos lhes não são neceſſarios. Muitas peſſoas ha que cahirião em eſtados perigoſos, ſe as ſeparaſſem de repente de todas as couſas, a que tem apego. Demais, eſtas caſtas de apegos devem deſtruir-ſe com circumſpecção e prudencia; e não devemos arrogar a nós o direito de julgar do modo, com que neſte ponto deve ca-

cada hum portar-ſe. Em fim, he muitas vezes para temer, que lhes façamos mais mal pela irritação que lhes cauſaremos, oppondo-nos indiſcretamente a eſtas paixões chamadas innocentes, do que o bem que intentamos procurar-lhes por meio dos conſelhos que lhes dermos.

Póde haver pois indiſcrição em fallar fortemente contra o exceſſo do aceio na preſença das peſſoas, que lhe tem apego; contra a inutilidade das pinturas diante de quem as ama; contra os verſos e a Poezia á viſta dos que ſe dão a eſtas couſas. Taes advertencias são eſpecies de remedios. Tem ſua amargura, ſeu deſagrado e ſeu perigo. He neceſſario pois dallos com as meſmas precauções, com que os Medicos dão os ſeus. He obrar como Medico ignorante propollos a todo o mundo ſem diſcernimento.

Para cada hum accommodar-ſe ás opiniões dos outros, ainda quando ha ſuſpeita de que elles tem apego, baſta não ver claramente ſer util fazer-lhes oppoſição. São neceſſarias ſcien-

cia

cia e induſtria para emprender curallos; mas a falta de hum deſtes dous requiſitos he baſtante, para que ſe accommode aos ſeus deſejos naquellas couſas, que não são más de ſi meſmas. Neſte caſo deve regular as ſuas acções pela lei geral da caridade, que nos manda eſtar diſpoſtos a ſervir a todo o mundo. Como neſta condeſcendencia ſe encontra ſempre a utilidade de ganhar a ſua affeição, pelo teſtemunho de amor que niſto lhes damos; para que della nos privemos, he neceſſario que haja outra conveniencia maior e mais clara.

Eu chamo paixões juſtas aquellas, em que por algumas leis ſomos obrigados a ſeguir os outros, ainda que talvez não ſeja juſto que elles eſperem de nós eſte obſequio. Como nós ſomos mais obrigados a ſatisfazer as noſſas obrigações, que a emendar os ſeus defeitos, quer a razão que cumpramos com ſimplicidade o que lhes devemos, e que lhes tiremos todo o motivo de queixa, ſem examinarmos ſe elles pedem de nós eſta condeſcen-

den-

dencia com muito imperio, ou com muita efficacia.

Para comprehender a extensão destas obrigações, he necessario advertir que ha cousas que devemos aos homens, segundo certas leis de justiça, que se chamão propriamente leis; e outras que lhes devemos, segundo simplices leis de decencia, cuja obrigação nasce do consentimento dos homens, que hão ajustado entre si censurar aquelles, que as transgredirem. Deste ultimo modo he que devemos áquelles, com que tratamos, as civilidades estabelecidas entre as pessoas de bem, posto que não sejão reguladas por leis expressas: que lhes devemos certos serviços, segundo o gráo de amizade que temos com elles: que lhes devemos huma correspondencia de abertura e confiança, á proporção daquella que nos mostrão, porque os homens tem estabelecido estas leis. Ha certas cousas, que devem fazer-se por aquelles, com que se tem hum certo gráo de familiaridade, que se podem negar a outros,

ſem que elles tenhão direito de o eſtranhar.

He neceſſario ſer exacto em todas eſtas obrigações; de outra ſorte he impoſſivel evitar as queixas, as murmurações e a aversão dos homens. Não he crivel quanto ſe offendem aquelles, que tem pouca virtude, quando ſe lhes falta ás obrigações do reconhecimento e da civilidade eſtabelecidas no mundo, como tambem o quanto eſtas faltas esfrião a pouca caridade que elles tem. Iſto são objectos, que os perturbão, que ſempre os irritão, e que deſtroem a edificação que poderião receber do bem, que em nós obſervão; porque eſtes defeitos, que os offendem em particular, lhes são infinitamente mais ſenſiveis que as virtudes que não vem.

CAPITULO XIV.

A lei eterna obriga-nos a ſer agradecidos.

A Caridade obrigando-nos a compadecermo-nos da fraqueza do noſſo proximo e a não dar-lhe motivo

vo de tentação , obriga-nos tambem a cumprir cuidadosamente as obrigações referidas. Mas não só a caridade, tambem a justiça e a lei eterna as prescrevem , como he facil mostrar, tanto a respeito dos sinaes de agradecimento, como a respeito das obrigações de civilidade, á qual podem reduzir-se as outras , de que fallamos, como a abertura, a confiança e a applicação, que são especies de civilidade.

A fonte de todo o agradecimento, que devemos aos homens, he que como Deos se serve do seu ministerio, para conferir-nos diversos bens da alma e do corpo, quer tambem que o nosso agradecimento suba a elle pelos homens, e abrace os instrumentos, de que o Senhor se serve. Como elle se occulta nos seus beneficios, e quer que os homens sejão as suas causas visiveis, quer tambem que elles recebão exteriormente de nós os effeitos do reconhecimento que lhes devemos. He pois transgredir a ordem de Deos, querer ser a elle só agradecido, e não sello áquelles , de que elle se servio

para communicar-nos os effeitos da ſua bondade.

Se os homens por hum movimento de intereſſe olhão attentos para os que lhes vivem obrigados, Deos tambem os olha, ſegundo a Eſcritura; mas por huma juſtiça toda pura e toda deſintereſſada. Iſto he o que diz o Sabio neſtas palavras: *Deos he inſpector daquelle que agradece.* (1) Convem que nos ſirvamos deſta dobrada attenção, para que excitemos a noſſa, e tenhamos os olhos fitos aſſim ſobre os homens, que eſperão de nós a obſervancia deſtas obrigações, como ſobre Deos, que nos ordena cumprillas.

Não pertendamos eximir-nos dellas, tomando por pretexto o deſintereſſe e a piedade daquelles a que ſomos obrigados, perſuadidos de que nada eſperão de nós. Por mais deſintereſſados que ſejão, não deixão de lembrar-ſe do que lhes he devido; e he raro que não cheguem a conceber algum ſentimento, vendo em nós pouca

(1) *Deus proſpector eſt ejus, qui reddit gratiam.* Eccli. 3. 34.

ca applicação a cumprir o que lhes devemos. Se nos não reprehendem, he muito facil que tomem hum certo modo, que causa com pouca differença o mesmo effeito que o sentimento humano. Dizem que não podem deixar de ver que obramos mal; mas que ao mesmo tempo nos dispensão de boa vontade de nos confessarmos agradecidos. Dispensando-nos assim, não deixão de censurar o nosso procedimento, e deste modo vem insensivelmente a amar-nos menos, e por fim a darnos menos finaes de affecto.

O mesmo dizemos das obrigações da civilidade. As pessoas, que menos caso fazem della, não deixão de reparar, quando se lhes falta com a cortezia; e outras mostrão-se effectivamente offendidas. Quem não está persuadido pelos sentidos de que he amado e respeitado, he difficultoso que o esteja no coração, ou que o esteja vivamente. A civilidade he que faz este effeito sobre os sentidos, e pelos sentidos sobre o espirito. A sua falta produz nos outros hum frio, que passa

ſa muitas vezes dos ſentidos ao coração.

CAPITULO XV.

Razões fundamentaes da obrigação da civilidade.

OS homens crem que lhes he devida a civilidade, e que lhes he devida com effeito, ſegundo ella ſe pratíca no mundo; mas não ſabem a razão diſto. Se elles não tiveſſem outro direito para a pedir, ſenão aquelle que lhes dá o coſtume, não lhes ſería devida; porque não baſta iſto para ſujeitar os outros a certas acções penoſas. Para achar a ſua origem, he neceſſario ſubir mais alto, aſſim como foi neceſſario para deſcubrir a do agradecimento. Se he verdade, como diz hum homem de Deos, que nada ha tão civil como o bom Chriſtão, he neceſſario que hajão razões divinas, que a iſſo o obriguem. O que vamos dizer póde ajudar a deſcubrillas.

Conſideremos para iſto que os homens

mens eſtão ligados entre ſi por huma infinidade de neceſſidades, que os obrigão neceſſariamente a viver em Sociedade, não podendo cada hum em particular viver independente dos outros. Eſta Sociedade he conforme a ordem de Deos, que permitte eſtas neceſſidades para eſte fim. Tudo o que he neceſſario para conſervalla pertence a eſta ordem, e Deos o manda de alguma ſorte por aquella Lei natural, que obriga cada parte á conſervação do ſeu todo. Para que a Sociedade dos homens ſubſiſta, he abſolutamente neceſſario que ſe amem e reſpeitem huns aos outros; porque o deſprezo e o odio são cauſas certas da deſunião. Ha huma infinidade de couſas pequenas muito neceſſarias á vida, que ſe dão de graça, e que não entrando em commercio, não podem comprar-ſe ſenão pelo amor. Demais, eſta Sociedade compondo-ſe de homens amantes de ſi meſmos, e cheios da ſua propria eſtimação, ſe elles não cuidão em contentar-ſe e tratar-ſe reciprocamente, não ſerá mais que huma tropa de peſſoas

deſ-

defcontentes humas das outras, que não poderáõ viver unidas. Mas como o amor e a eftimação, que temos para os outros, não são coufas que fe vejão, hão acordado entre fi eftabelecer certas obrigações, que firvão de teftemunhos do refpeito e affeição. Daqui fegue-fe neceffariamente que faltar a eftas obrigações, he moftrar huma difpofição contraria ao amor e refpeito. Affim nós devemos eftas acções exteriores áquelles, a quem devemos as difpofições que ellas reprefentão, e fazemos-lhes injuria, fe lhes faltamos com ellas; porque efta omifsão denota fentimentos, que não devemos ter a feu refpeito.

Póde e deve pois cada hum fer exacto nas obrigações de civilidade, que os homens tem eftabelecido. Os motivos defta exacção são não fó juftiffimos, mas ainda fundados na Lei de Deos. Deve polla, para que evite dar a idéa de que defpreza, ou trata com indifferença aquelles, com que não tiver civilidade; para que fomente a Sociedade humana, á qual he jufto que

ca-

cada hum contribua, pois que cada hum tira disto utilidades muito consideraveis; e em fim para que escape ás censuras interiores daquelles, com que não se porta civilmente, cujas censuras são as fontes das divisões, que perturbão o socego da vida e a paz christã, que he o objecto deste discurso.

ARTE
DE VIVER EM PAZ
COM OS HOMENS.

PARTE II.

CAPITULO I.

Não he neceſſario que cada hum eſtabeleça a ſua paz ſobre a correcção dos outros. Utilidade da ſuppreſsão das queixas. Ellas de ordinario fazem mais mal do que bem.

PARA conſervar a paz com os homens não baſta fugir de offendel-los, he neceſſario ainda ſaber ſoffrer-lhes as faltas, que commetterem a noſſo reſpeito. He impoſſivel que conſervemos a paz interior, ſe formos muito ſenſiveis a tudo, o que elles podem fazer e dizer oppoſto ás noſſas inclinações e aos noſſos ſentimentos; e he ainda difficultoſo que então o deſ-

desgosto interior, que tivermos concebido, não passe ao exterior, e não nos disponha a obrar para com os que nos tiverem offendido, de hum modo capaz de offendellos tambem: o que augmenta pouco a pouco as differenças, e as faz ir muitas vezes ás extremidades.

He necessario pois procurar reprimir as divisões e as queréllas no seu mesmo nascimento. O amor proprio já mais não deixa de inspirar-nos neste caso, que o meio de o fazer, sería corrigir aquelles, que nos incommodão, e fazellos racionaes, obrigando-os a conhecer que obrão mal comnosco. Isto he o que tanto nos incita a queixar-nos do seu procedimento, e a notar os seus defeitos, ou para corrigir o que nelles nos desagrada, ou para os castigar pela colera, que as nossas queixas podem causar-lhes, e pela infamia que dellas lhes resulta. Se nos conduzissemos verdadeiramente pela razão, facilmente veriamos que o designio de estabelecer a paz sobre a refórma dos outros he ridiculo, por

ser

ſer infructuoſa a ſua execução. Quanto mais nos queixarmos do ſeu procedimento, tanto mais os irritamos contra nós. Paſſaremos por melindroſos, altivos, ſoberbos, e o peior he que eſte conceito não ſerá injuſto; pois que na realidade as noſſas queixas não procedem ſenão do noſſo melindre e da noſſa ſoberba. Aquelles meſmos, que moſtrarem approvar as noſſas razões, e crerem que ſe nos fez alguma injuſtiça, não deixaráõ de ſe eſcandalizar da noſſa ſenſibilidade. Como os homens são naturalmente inclinados a juſtificarem-ſe, ſe aquelles de que nos queixarmos tem huma pouca de ſagacidade, voltaráõ as couſas de modo que fiquemos mal. Muitas vezes o meſmo defeito de rectidão e equidade, que faz commetter as faltas, de que nos queixamos, impede reconhecellas, e faz ter por verdadeiro e juſto tudo o que póde ſervir á ſua juſtificação.

Se aquelles, de que nos queixamos, são ſuperiores a nós em graduação, crença e authoridade, as noſſas queixas

xas ſerão ainda mais inuteis e perigoſas. Ellas não podem dar-nos ſenão a ſatisfação maligna e paſſageira de os fazer condemnar por aquelles, a quem nos queixarmos; mas produzem ao depois effeitos máos, duraveis e permanentes, irritando contra nós aquellas peſſoas, e rompendo toda a união, que poderiamos ter com ellas.

A prudencia obriga-nos pois a ſeguir hum caminho todo contrario. Obriga-nos a deixar abſolutamente o deſignio chimerico de corrigir nos outros tudo o que nelles nos deſagrada; e a eſtabelecer a noſſa paz e o noſſo repouſo ſobre a noſſa propria refórma e ſobre a moderação das noſſas paixões. Nem o eſpirito, nem a lingua dos homens eſtá á noſſa diſpoſição. Não ſeremos reponſaveis das ſuas acções, ſenão tanto quanto dermos occaſião a ellas; mas ſeremos dos noſſos penſamentos, palavras e obras. Eſtamos encarregados de trabalhar ſobre nós meſmos e de corrigir os noſſos defeitos. Se fizermos iſto, como he devido, nada do que vier

do

do exterior ſerá capaz de perturbar-nos.

Em os negocios temporaes nunca preferimos hum bem incerto, pertencente ao proximo, a hum bem certo pertencente a nós. Se nos negocios da ſalvação fizeſſemos o meſmo, de repente conheceriamos que o partido das queixas he de ordinario falſo, e que a razão o condemna. Não nos queixando, aproveitamos certamente a nós meſmos; e queixando-nos, he muito incerto que aproveitemos ao proximo. Por que motivo pois nos privamos do bem da paciencia debaixo do pretexto de procurar-lhe o bem da correcção? Sería ao menos neceſſario que houveſſe huma grande probabilidade de o conſeguir, e ſempre he ir contra a verdadeira razão renunciar ſobre huma eſperança tão incerta a hum bem certo, que nos confere o humilde e pacifico ſoffrimento.

Póde dizer-ſe em geral a reſpeito do ſilencio, que ſendo neceſſarias razões para fallar, não são neceſſarias para calar; iſto he, para ſer obriga-

do

do ao ſilencio, baſta não ter empenho de fallar. Mas eſta maxima póde applicar-ſe com mais razão ao ſilencio que ſuffoca as queixas. Para que alguem ſe queixe, são-lhe neceſſarias razões fortiſſimas e evidentiſſimas; mas para que ſe não queixe, baſta não eſtar em huma precisão evidente de queixar-ſe.

Que dividas perdoariamos aos noſſos irmãos, ſe lhes pediſſemos por noſſas queixas tudo o que nos podem dever, e ſe nos vingaſſemos das menores faltas, que commettem contra nós, fazendo-os condemnar por quantas peſſoas podemos? Com que confiança pediremos a Deos, que nos perdoe as noſſas culpas, não perdoando offenſa alguma das que cremos ſer feitas contra nós?

Pelo contrario nada ha mais util, que ſupprimirmos deſte modo as noſſas queixas e o noſſo reſentimento. Eſte he o melhor meio de alcançar de Deos, que nos não trate ſegundo o rigor da ſua juſtiça, e que não entre, como diz a Eſcritura, em juizo comnoſ-

noſco. Eſte he o caminho mais ſeguro de affogar as diſcordias á naſcença, e impedir que ſe azedem. He caridade que pratíca comſigo meſmo quem procura o bem da paciencia; pois não adquire a fama de melindroſo e de homem de pontinhos; poupa a afflicção, que deve ſentir, quando a ſagacidade dos homens em juſtificar-ſe, faz que ſe nos levem a mal claramente aquellas couſas, em que julgamos ter razão. He caridade que fazemos ao proximo, ſoffrendo-o na ſua fraqueza, e poupando-lhe aſſim a pequena confuſão, que mereceo, como as novas faltas, que talvez commetterá, juſtificando-ſe e offendendo-nos de novo, e depois de nos ter dado motivo de nos queixarmos. Em fim, o melhor meio de o ganhar he o exemplo da noſſa paciencia, porque he muito mais capaz que as noſſas queixas de mudar-lhe o coração para comnoſco. As queixas não podem corrigir, ſenão quando muito, o exterior, o que he couſa de pouca conſideração, e pela maior parte augmentão o aborrecimento in-

te-

terior, que ha produzido as coufas, de que nos queixamos.

Que perdemos nós, não nos queixando? Nada abfolutamente. Eu fallo ainda por ordem a efte mundo. Percebido que feja o noffo commedimento, a murmuração ferá menor. O mal não irá em augmento. Amar-nos-hão mais. Tudo fe reduzirá a algumas incivilidades, e a alguns difcurfos injuftos, que não remediaremos, queixando-nos. A maligna fatisfação que fentimos, communicando as noffas queixas, vale por ventura a perda do thefouro, que podemos adquirir pela humildade e pela paciencia?

O tempo mais proprio para nos confirmarmos nifto, e refolvermo-nos a feguillo, he quando nos efcapão algumas queixas; porque fó então conhecemos melhor a vaidade e o nada do prazer, que nellas procuramos. Então he que nos vemos na vifivel neceffidade de dizer a nós mefmos: Por efta vã fatisfação he que nos privámos do bem ineftimavel da paciencia e da recompenfa, que podiamos efpe-

rar de Deos? De que nos tem ſervido as noſſas queixas, e que lucrámos nós com ellas? Procurámos fazer condemnar pelos homens aquelles, de que nos queixámos, e talvez nos tenhão elles condemnado. O certo he que Deos nos ha condemnado de malignos, impacientes e pouco amantes dos bens do Ceo. Antes das noſſas queixas alguma vantagem tinhamos ſobre os que nos offendêrão; mas depois dellas ficámos inferiores a elles. Por eſte motivo podemos crer, que a falta que commettemos contra Deos, queixando-nos, he maior que todas as que os homens podem fazer contra nós. Aſſim mais mal fizemos a nós por noſſas queixas, do que os homens nos cauſárão por ſuas pequenas injuſtiças. Eſtas não podião privar-nos ſenão de couſas pouco conſideraveis, ao meſmo tempo que a injuſtiça, que fazemos a nós meſmos pelas noſſas impacientes queixas, nos privão do bem eterno annexo a cada acção boa. Nós temos pois infinitamente mais razão para queixar-nos de nós meſmos que dos outros.

Eſ-

Eſtas conſiderações podem ſervir muito para abater a inclinação que ſentimos a buſcar o allivio do noſſo coração por queixas, e para regular exteriormente as noſſas palavras. Mas não he poſſivel que nos conſervemos muito tempo neſte ſilencio, ſe deixarmos obrar em toda a ſua força e violencia o noſſo interno reſentimento. As queixas externas vem das internas, e he mui difficil não romper naquellas, quando o coração eſtá cheio deſtas. Ellas eſcapão ſempre, fazendo aberta por qualquer parte. Além do que, ſendo o principal fim da moderação externa procurar-nos a paz interna, de pouco ſerviria parecer externamente moderado e paciente, ſe no interior tudo eſtiveſſe em deſordem e tumulto. He neceſſario pois ſuffocar as queixas que a alma fórma em ſi meſma, e de que ella he a unica teſtemunha, do meſmo modo que aquellas que ſe fórmão diante dos homens. O unico meio de fazer iſto he cada hum perder o amor ás couſas que as excitão. Em fim, ninguem ſe queixa de couſas abſolutamente indifferentes.

As materias das queixas são infinitas; pois comprehendem tudo o que podemos amar, e tudo em que os homens nos podem ſer nocivos e deſagradaveis. Podem com tudo reduzir-ſe a algumas claſſes geraes, como o deſprezo, os juizos injuſtos, as murmurações, a aversão, a incivilidade, a indifferença ou a inapplicação, a reſerva ou a falta de confiança, a ingratidão, os humores incommodos.

Nós aborrecemos naturalmente todas eſtas couſas, porque amamos as que lhes são contrarias; a ſaber, a eſtimação e o amor dos homens, a civilidade e a applicação ao que nos diz reſpeito, a confiança, o reconhecimento, os humores doces e commodos. Aſſim para nos livrarmos da impreſſão, que fazem ſobre o noſſo eſpirito aquelles objectos do odio, he neceſſario trabalhar por livrar-nos do apego, que temos aos objectos contrarios. Só a graça he que o póde fazer. Mas como ella ſe ſerve dos meios humanos, não he inutil encher o eſpirito das conſiderações, que nos deſ-

co-

cobrem a vaidade deſtes objectos do noſſo apego. Iſto he o que pertendemos nas reflexões ſeguintes, que faremos ſobre as cauſas ordinarias das noſſas queixas, começando pelo amor da eſtimação e approvação dos homens.

CAPITULO II.

Vaidade e injuſtiça da complacencia que concebemos por occaſião dos juizos vantajoſos, que ſe formão em noſſo abono.

NAda moſtra mais quanto o homem eſtá profundamente ſubmergido na vaidade, na injuſtiça e no erro, que a complacencia que ſentimos, quando ſabemos que julgão de nós vantajoſamente, e que nos eſtimão. Por huma parte a luz que temos, ſendo céga, não o he neſte caſo. Ella nos convence claramente que eſta paixão he vã, injuſta e ridicula; e por outra, eſtando nós convencidos diſto, não ſabemos ſuffocalla; mas ſempre a ſentimos viva no intimo do noſſo coração.

He

He bom com tudo ouvir muitas vezes o que a razão nos diz ſobre eſta materia; porque ſe iſſo não for capaz de extinguir inteiramente eſta infeliz inclinação, ao menos ſerá baſtante para moſtrar-nos a ſua ignominia e confusão, e para diminuir os ſeus effeitos.

Poucas peſſoas ha tão groſſeiramente vans, que amem louvores viſivelmente falſos. Baſta poſſuir huma pouca de honeſtidade, para que facilmente ſe não padeça inteiro engano ſobre eſte ponto. He loucura, por exemplo, de que poucas peſſoas são capazes, amar ſer tido por ſabio em huma lingua, que nunca aprendeo, ou por habil nas Mathematicas, quando dellas nada ſabe. Padeceria repugnancia para não ſentir alguma confusão interior, concebendo huma vaidade tão baixa. Mas por pouco fundamento que tenha eſta eſtimação, nós a recebemos com huma complacencia, que nos convence pouco mais ou menos da meſma baixeza e do meſmo máo conceito. Para dar diſto alguma imagem, perguntemos: Que ſe diria de hum homem,

que

que padecendo hum mal horrivel e incuravel, que o desfigura desde os pés até a cabeça, que nada tem são, menos huma pequena parte da cara, sem saber ainda se esta parte não está internamente corrupta, a expuzesse á vista de todos, occultando tudo o mais, e ouvisse com prazer louvar a formosura desta parte? Diria-se sem dúvida que o excesso desta vaidade chegava a loucura. Com tudo, isto não he senão hum retrato da nossa, e retrato, que não a representa ainda em toda a sua fealdade. Nós estamos cheios de defeitos, de peccados, de corrupções. De bom pouco temos, e esse pouco muitas vezes viciado e corrupto por mil influencias do amor proprio. Succede com tudo que os que não vem a maior parte dos nossos defeitos, olhem com alguma estimação esse pequeno bem, que em nós apparece, e que talvez está todo corrupto. Este juizo sendo cégo e mal fundado, como he, não deixa de agradar-nos.

Disse que esta imagem não representava a nossa vaidade em toda a sua feal-

fealdade; porque aquelle, que achando-se ferido de hum mal tão eſtranho, ſe agradaſſe da eſtimação, que ſe fizeſſe da formoſura da parte ſã, ſem dúvida ſería vão e ridiculo; mas ao menos não ſería cego, nem deixaria de conhecer o ſeu eſtado. Mas a noſſa vaidade anda junta á cegueira. Nós occultando aos outros os noſſos defeitos, procuramos occultallos a nós meſmos, e iſto he o que melhor conſeguimos. Não queremos ſer viſtos, ſenão por eſte pequeno lugar, que conſideramos ſem defeito, e por eſſe meſmo ſó he que tambem olhamos para nós.

Que he pois eſta eſtimação que nos agrada? Hum juizo fundado ſobre a viſta de huma pequena parte de nós meſmos, e ſobre a ignorancia de tudo o mais. E que he eſta complacencia? Huma viſta de nós meſmos cheia de cegueira, erro e illusão, na qual não nos conſideramos ſenão por huma pequena parte, eſquecendo-nos de todas as noſſas miſerias e de todas as noſſas chagas.

Mas que ha neſtes juizos, que nos ſe-

ſeja tão agradavel, e tão digno do noſſo apego? Perguntemo-lo a nós meſmos, ou antes á noſſa experiencia. Ella nos dirá que nenhuma couſa ha mais vã, nem menos duravel que eſta eſtimação. Aquelle, que huma vez nos fizer elogios, não eſtará n'outra menos diſpoſto a cenſurar-nos. Muitas vezes a meſma eſtimação ſerá cauſa diſſo, porque ella mais excita a inveja, do que a affeição. Os homens, depois de nos darem alguns louvores vãos e eſtereis, não duvidaráõ preferir-nos aquelles, que mais conta fazem aos ſeus intereſſes, ainda que elles nos ſejão muito inferiores no merecimento. Elles inficionaráõ os teſtemunhos, que não puderem negar ao que temos de bom, com a marca maligna dos noſſos defeitos. Eſtimaráõ em nós o que he menos eſtimavel, e condemnaráõ o que em nós merece ſer eſtimado. Na verdade, para nos agradarmos de hum objecto tão vão e tão deſprezivel, não he neceſſario termos huma extrema baixeza de coração, ou huma pequenez de eſpirito bem rara?

Sup-

Supponhamos ainda a eſtimação mais judicioſa, e mais ſincera que podemos conceber, e que a noſſa vaidade póde deſejar; realcemo-la pela qualidade e eſpirito das peſſoas, que nos eſtimão, e por tudo aquillo que melhor puder favorecer a inclinação que lhe temos; a não conſideralla ſenão em ſi meſma, que ha em tudo iſto de amavel e de ſolido? Ella he huma viſta lançada ſobre nós por aquellas peſſoas, que nos ſuppõem dotados de algum bem; mas viſta, que nem dá, nem accreſcenta couſa alguma a eſſe bem. Deixa-nos taes como ſomos; e aſſim para nós he couſa inteiramente inutil. Ella não ſubſiſte ſenão em quanto eſſas peſſoas ſe applicão a nós; e eſta applicação he rara. Deſſes meſmos, cuja eſtimação nos liſongea, haverá tal, que não penſe em nós duas vezes no anno; e quando penſe, penſará pouco, e todo o mais tempo jazeremos no ſeu eſquecimento.

Demais, eſta viſta de eſtimação he hum bem tão fragil, que mil occaſiões a podem fazer perder ſem culpa noſ-

ſa.

ſa. Huma noticia falſa, huma inadvertencia, hum pequeno capricho apagará toda eſta eſtimação, ou a fará mais nociva que util; porque quando a eſtimação ſe ajunta á aversão, não faz mais que abrir os olhos para notar os defeitos, e o coração para receber favoravelmente tudo o que ſe ouve dizer contra os que ſe eſtimão e aborrecem, porque até ſe aborrece o que ſe eſtima; e tem-ſe por couſa goſtoſa livrar-ſe deſſa couſa como de hum pezo, de que ſe eſtá carregado.

Senão vemos no eſpirito dos outros eſta viſta de eſtimação, ella he para nós como ſenão fora. Se a vemos, he para nós hum objecto perigoſo, cuja viſta nos póde roubar a pouca virtude que temos. Que bem he pois aquelle que de nada ſerve, quando ſe não vê, e que he nocivo, quando ſe vê, e que ao meſmo tempo tem todas eſtas qualidades, vão, inutil, fragil, perigoſo?

CAPITULO III.

Não temos direito para offender-nos do desprezo, nem dos juizos feitos em nosso desabono.

SE não amassemos a approvação dos homens, seriamos menos sensiveis á todos os discursos, que elles fizessem em nosso desabono; porque o seu effeito consistiria, quando muito, na privação de huma cousa para nós indifferente. Mas como ha quem imagine, que ainda que não seja licito desejar a estimação, ha com tudo motivo para offender-se do desprezo e da murmuração, convem examinar o que ha de real nestes objectos, que tão grandemente irritão as nossas paixões.

Para conhecermos pois quanto o nosso melindre he injusto neste ponto, e que todas as afflicções por elle excitadas em nós são contrarias á verdadeira razão, e que não nascem tanto dos mesmos objectos, como da malignidade do nosso coração, basta considerar que estes juizos e discursos, que

nos

nos offendem, podem ſer de tres generos, ou abſolutamente verdadeiros, ou abſolutamente falſos, ou verdadeiros em parte e em parte falſos. De qualquer modo que ſejão, o deſgoſto que concebemos por occaſião delles, he igualmente injuſto.

Se são verdadeiros, não he couſa horrivel ver ſem afflicção que Deos conhece os noſſos defeitos, e que não poſſamos ſoffrer que ſejão conhecidos dos homens? Póde dar-ſe argumento que prove mais viſivelmente que preferimos os homens a Deos? Não he o maior exceſſo de injuſtiça reconhecer que os noſſos peccados merecem huma eternidade de penas, e não aceitar com alegria huma pena tão leve, como a pequena confusão que elles nos merecem diante dos homens?

O conhecimento que os homens tem das noſſas faltas e miſerias, não as augmenta; antes pelo contrario ſería capaz de diminuillas, ſe o ſoffreſſemos com humildade.

He pois loucura claramente viſivel não ſentir de modo algum os males reaes,

reacs, que fazemos a nós mefmos, e fentir tão vivamente males imaginarios, que fó podem fazer-nos bem. Efta fenfibilidade não he mais que huma prova evidente da noffa cegueira, que deve enfinar-nos que o que os outros conhecem dos noffos defeitos, não he mais que huma bem pequena parte delles.

Se os juizos e difcurfos são falfos e mal fundados, o defgofto que então concebemos, não he menos irracional, nem menos injufto. O juizo de Deos, que nos juftifica, (1) não bafta para fazer-nos defprezar o dos homens? Porque não faz elle fobre nós o mefmo effeito, que fobre nós faz a approvação dos noffos amigos e daquelles que eftimamos, a qual de ordinario he fufficiente para confolar-nos, do que os outros podem penfar ou dizer contra nós? Porque caufa moftrando-nos a razão que eftes difcurfos não podem fazer-nos mal, e que por fi mefmos nenhum fazem á noffa alma, ou ao noffo corpo, mas que antes podem fer-

nos

(1) Rom. 8. 33.

nos utilissimos, tem tão pouco poder sobre o nosso coração, que não possa fazer nos triunfar de huma paixão tão vã e tão irracional?

Nós vivendo na certeza de que não temos febre, não nos encolerizamos, quando se julga que a temos. Para que nos irritamos pois contra os que nos crem réos de faltas por nós não commettidas, ou que nos attribuem defeitos, em que não cahimos? Este juizo he menos capaz de constituir-nos culpados dessas faltas e defeitos, do que de causar-nos effectivamente febre o pensamento de hum homem persuadido de que a padecemos.

Dirá talvez alguem: Quem padece febre, não he desprezado. A febre não he mal que nos faça vís nos olhos do mundo. Assim o juizo daquelles que no-la attribuem, não nos offende; mas aquelles que nos imputão defeitos espirituaes, são de ordinario nossos desprezadores, e causão a mesma idéa, e o mesmo movimento nos outros.

Eis-aqui com effeito a verdadeira causa da nossa colera; mas ella não

faz

faz ſenão que conheçamos melhor a ſua injuſtiça. Se fizeſſemos juſtiça a nós meſmos, reconheceriamos facilmente que os que nos attribuem defeitos que não temos, tambem nos não attribuem hum grande número dos que na realidade temos; e que aſſim ganhamos a todos eſtes juizos, de que nos queixamos, por mais falſos que elles ſejão. Os juizos dos homens nos ſerião infinitamente menos favoraveis, ſe inteiramente foſſem conformes á verdade; e ſe os que os fazem, conheceſſem todos os noſſos verdadeiros males. Se nos fazem pois alguma pequena injuſtiça, de mil modos nos fazem graça. Por couſa nenhuma quereriamos que nos trataſſem com exacta juſtiça.

Mas ſomos tão deſarrazoados e tão injuſtos, que queremos tirar proveito da ignorancia dos homens. Não podemos ſoffrer que nos tirem couſa alguma que julgamos poſſuir, e queremos conſervar no ſeu eſpirito a reputação de muitas boas qualidades que não poſſuimos. Queixamo-nos de que jul-

julguem ver em nós defeitos que não ha, e não avaliamos por cousa alguma o não verem em nós hum número infinito de defeitos que temos na realidade; como se o bem e o mal não consistissem senão na opinião dos homens.

Senão temos pois motivo algum para queixar-nos dos juizos verdadeiros, nem ainda dos falsos; por consequencia não o temos para offender-nos dos que são verdadeiros em parte, e em parte falsos. Com tudo pela mais injusta partilha que póde imaginar-se, offendemo-nos do que elles tem de falso, e não nos humilhamos á vista do que elles tem de verdadeiro. E em lugar de suffocarmos, como era necessario, a colera, que sentimos pelo que elles tem de falso e injusto, com aquella que deveriamos ter pelo que elles tem de verdadeiro, suffocamos pelo contrario com o vão sentimento, que nos causa alguma falsidade e injustiça, que nelles se mistura, aquelle que deveriamos ter á vista do que elles tem de real e de solido.

CAPITULO IV.

A ſenſibilidade, que experimentamos a reſpeito dos diſcurſos e juizos feitos em noſſo deſabono, vem do eſquecimento dos noſſos males. Apontão-ſe alguns remedios para eſte eſquecimento e para eſta ſenſibilidade.

EU não pertendo que eſtas conſiderações baſtem para corrigir-nos da noſſa injuſtiça; mas podem ao menos convencer-nos della; e eſta convicção he alguma couſa. Em todas eſtas queixas interiores, e neſta colera, que ſentimos por cauſa dos juizos e diſcurſos, que ſe fazem de nós, ha ſempre hum eſquecimento dos noſſos defeitos e das noſſas miſerias verdadeiras; pois he impoſſivel que os que as conhecerem na ſua verdadeira grandeza, e tiverem dellas o devido ſentimento, poſſão occupar-ſe dos diſcurſos e juizos dos homens. Hum homem carregado de dividas, opprimido de demandas, de pobreza, de enfermidades não penſa no que delle póde dizer-ſe. A reali-

lidade dos ſeus males verdadeiros não lhe permitte applicar-ſe a males imaginarios.

O verdadeiro remedio deſte melindre, que nos faz tão ſenſiveis ao que ſe diz de nós, he applicarmo-nos fortemente aos noſſos males eſpirituaes, ás noſſas fragilidades, aos noſſos perigos, á noſſa pobreza, e ao juizo que Deos faz de nós, e que nos fará conhecer na hora da noſſa morte. Se eſtes penſamentos eſtiveſſem tão vivos, e foſſem tão contínuos em o noſſo eſpirito, como deverião ſer, difficultoſamente entrarião nelle as reflexões ſobre os juizos dos homens, ou ao menos não o occuparião inteiramente, nem o encherião de colera e amargura, como fazem tantas vezes.

Para iſto he util comparar os juizos dos homens com o de Deos, e conſiderar as ſuas diverſas qualidades. Os juizos dos homens muitas vezes são falſos, injuſtos, incertos, temérarios, e ſempre inconſtantes, inuteis, impotentes. Ou elles nos approvem, ou nos reprovem, nenhuma mudança causão

em nós , e na realidade nem nos fazem mais felices, nem mais infelices. Do juizo que Deos fizer de nós , he que depende todo o nosso bem , ou todo o nosso mal. Este juizo he sempre justo, sempre verdadeiro, sempre certo e immudavel, os seus effeitos são eternos. Que loucura maior póde imaginar-se, que não applicarmos o nosso espirito senão aos juizos humanos, que tão pouco nos importão, e esquecermo-nos do juizo de Deos, do qual depende toda a nossa felicidade?

Muitas vezes pertendemos córar a raiva interior, que nos causão os juizos feitos em nosso desabono , com hum pretexto de justiça , imaginando que nos não offendemos delles, senão porque são injustos e feitos sem razão. Mas se isto assim fora , tambem nos sentiriamos tão tocados dos juizos injustos, que se fazem dos outros, como nos sentimos dos que se fazem de nós. Não succedendo isto assim, lisonja he não ver que o amor proprio he que produz essa raiva que sentimos nas cousas que nos pertencem. Não he a

injuſtiça em ſi quem nos offende, he o ſeu objecto. Dê-ſe-lhe outro, e ceſſará o noſſo reſentimento, e nos contentaremos com reprovar em ſocego e ſem abalo eſta meſma injuſtiça, que tanta indignação nos cauſa.

Se diſcorreſſemos mais rectamente, achariamos que os juizos feitos em noſſo deſabono não ſe encaminhão propriamente a nós, mas que o acaſo e não a eleição he que os determina a ter-nos por objecto. Os que julgão aſſim de nós, por algumas apparencias forão levados a fazer eſſes juizos. E ainda que ellas foſſem muito ligeiras, pois ſuppomos falſos os taes juizos, he com tudo verdade que eſſas peſſoas tinhão o eſpirito diſpoſto a formallos ſobre eſſas apparencias; de ſorte que elles não naſcêrão ſenão do encontro das taes apparencias com a ſua má diſpoſição. Ellas produzirião o meſmo effeito, ſe foſſem viſtas n' outro qualquer. Aſſim não devemos crer, que eſſes juizos ſe dirigem a nós particularmente. Devemos ſó ſuppôr que eſſas gentes eſtavão diſpoſtas a julgar mal

mal de toda a pessoa, em que vissem taes ou taes apparencias. O acaso quiz que as vissem em nós. Mas esta má disposição e esta ligeireza de espirito, que produzem os juizos temerarios, não erão de si menos indifferentes que huma pedra lançada ao ar, que fere aquelle sobre que cahe, não por escolha, e porque he hum tal homem; mas porque elle se encontrou no lugar, em que ella devia cahir.

Ha mais huma ridicula extravagancia na colera, que concebemos por causa dos juizos e discursos feitos em nosso desabono. Pouco conhecimento tem do mundo quem não está persuadido ser impossivel não se fazerem. Murmura-se dos Principes nas suas antecamaras. Seus domesticos os arremedão. Os amigos fallão dos defeitos dos seus amigos, e fazem huma especie de honra reconhecellos de boa fé. Ha occasiões, em que isto póde fazer-se innocentemente. Seja o que for, o certo he que o mundo está na posse de fallar livremente dos defeitos dos outros na sua ausencia. Huns o fazem

por

por malignidade, outros ſinceramente; mas ha poucos que o não fação. He pois couſa ridicula pertender alguem ſer unico no mundo, de que ſe não falle. Se eſtes juizos e diſcurſos nos motivão colera, nunca deveremos eſtar ſem ella. Não ha tempo, em que não devamos eſtar certos em geral, ou que ſe falla ou que ſe fallou de nós de hum modo, que não quereriamos. Mas porque huma colera contínua nos incommodaria muito, agrada-nos poupalla ſem razão; e para nos affligirmos, eſperamos que ſe nos conte o que ſe diz de nós, e quem o diz. Com tudo eſta noticia quaſi nada accreſcenta, porque antes que no-la deſſem, deviamos eſtar ſeguros que ſe fallava de nós e dos noſſos defeitos, como ſe já diſſo eſtiveſſemos ſabedores. O pequeno gráo de ſegurança, que nos dá a tal noticia, he couſa bem pouca para mudar, como muda, o eſtado da noſſa alma.

Aſſim de qualquer modo que ſe conſidere eſta ſenſibilidade, que experimentamos neſtas occaſiões, achar-ſe-

ha

ha que ella he ſempre ridicula e contraria á razão.

CAPITULO V.

He couſa injuſta querer ſer amado dos homens.

QUando deſejamos ſer amados dos homens, e temos a deſconſolação de ſer delles aborrecidos por cauſa de que iſto ſerve ou he nocivo aos noſſos deſignios, então não nos domina propriamente a vaidade, nem a colera, mas ſim o intereſſe bom ou máo, juſto ou injuſto. Nós não conſideramos aqui eſte intereſſe. Examinamos ſómente a impreſsão que por ſi meſmos fazem ſobre os noſſos corações os ſentimentos do amor ou do odio, que ſe nos tem. A viſta ſó deſtes objectos he com effeito capaz de agradar-nos ou perturbar-nos, ſem que conſideremos as ſuas conſequencias. Como a eſtimação, que temos para nós meſmos, anda unida a hum amor terno e ſenſivel, não deſejamos ſó que

os

os homens nos louvem, queremos tambem que nos amem. A ſua eſtimação de nenhum modo nos ſatisfaz, ſe a affeição lhe não ſerve de termo. Por eſte motivo nada nos offende tanto, nem excita em nós mais vivos reſentimentos, como a aversão. Mas ainda que elles nos ſejão naturaes depois do peccado, não deixão por iſſo de ſer injuſtos, nem ſomos menos obrigados a combatellos; o que póde fazer-ſe por meio das reflexões pouco differentes das que propuzemos contra o amor da eſtimação.

Buſcar com empenho o amor dos homens he acção injuſta, porque ſe funda ſobre hum juizo proprio, no qual nos reconhecemos amaveis; e não ſello, he para nós couſa falſa. Eſta acção naſce da cegueira e da voluntaria ignorancia dos noſſos defeitos. Hum homem opprimido de males, e reduzido ao eſtado de pobre, ſe daria por bem ſatisfeito, ſe com elle ſe uſaſſe de caridade, e o ſoffreſſem. Nada mais pertenderiamos, ſe conheceſſemos bem o noſſo eſtado; e o conheceriamos,

mos, ſe nos não cegaſſemos voluntariamente.

Quem ſabe que merece ver armadas contra ſi todas as creaturas, póde pertender que ellas devão amallo? Em lugar pois de conſiderarmos o amor dos homens como couſa, que nos he devida, e a ſua aversão como huma injuſtiça, que nos fazem, deveriamos pelo contrario conſiderar a ſua aversão como couſa, que ſe nos deve, e a ſua affeição como graça, que não merecemos.

Mas ſe geralmente fallando he couſa injuſta julgar-ſe digno de ſer amado, he ainda maior injuſtiça querer ſello por força. Nada ha mais livre que o amor, e não deve eſte conſeguir-ſe por injurias, nem por queixas. Talvez não ſomos amados por noſſa culpa. Talvez o não ſomos tambem pela má diſpoſição dos outros. O certo he que a força e a colera não são meios, de que alguem ſe ſirva para ſe fazer amar.

Não reparamos que não he propriamente ſobre nós que cahe eſta aver-

são. A fonte de todas as aversões he a contrariedade que ha entre a diſpoſição em que eſtamos, e o que julgamos ver nos outros. Eſta diſpoſição obra contra todos aquelles, em que ſe obſerva eſta contrariedade. Quando pois ſuccede termos com effeito as qualidades, que são o objecto da aversão de certas peſſoas, ou não nos moſtrarmos a ellas ſenão por faces, que lhes dão motivo, para que no-las attribuão, não devemos admirar-nos que a ſua diſpoſição faça contra nós o ſeu effeito. Ella o faria da meſma ſorte contra outro qualquer. Não ſomos nós propriamente quem elles aborrecem. Aborrecem propriamente a eſte homem em geral, que tem taes e taes qualidades que os offendem.

São aborrecidos em geral os avarentos, os intereſſeiros, os preſumpçoſos. Crê-ſe em particular que o ſomos. A aversão geral obra pois contra nós. Que he o que niſto nos offende? He a aversão geral. Mas ella de alguma ſorte he juſta; porque o homem, em que ſe obſervão eſtes defeitos, mere-

ce

ce que ſe lhe tenha alguma eſpecie de aversão. He eſte o juizo que ſe faz de nós ? Mas elle he formado ſobre algumas apparencias, que podem ſer ligeiras na verdade, mas que não deixão de arraſtrar o eſpirito de quem as vê. Devemos pois queixar-nos da ſua ligeireza e da ſua fraqueza, em vez de nos queixarmos da ſua injuſtiça.

Quando os homens nos amão, não ſomos nós propriamente os amados. O ſeu amor vem de attribuir-nos qualidades que não poſſuimos, ou de não verem em nós os defeitos que temos. Obrão do meſmo modo, quando nos aborrecem. Não vendo então o que temos de bom, não olhão ſenão os noſſos defeitos. Ora nós não ſomos eſta peſſoa ſem defeitos, nem eſta peſſoa que nada tem de bom. Não amão elles pois ou aborrecem tanto a nós como a hum fantaſma, que ſe hão formado. Erramos logo, aſſim ſatisfazendo-nos do ſeu amor, como offendendo-nos do ſeu odio.

Mas quando eſte amor, ou eſte odio ſe encaminhaſſem a nós direitamente

em

em o noſſo ſer verdadeiro, que bem ou que mal nos vem daqui, ſe conſiderarmos, como já diſſemos, eſtes ſentimentos em ſi meſmos? Elles não são mais que vapores paſſageiros, que em menos de nada ſe diſſipão por ſi meſmos. Os homens são incapazes de conſiderar muito tempo ſobre hum meſmo objecto. Quando duraſſem, não poderião por ſi meſmos fazer-nos mais felices, nem mais infelices. São couſas inteiramente ſeparadas de nós, e que ſobre nós não tem effeito algum, menos que a noſſa alma não ſe lhes ajunte; e que por huma imaginação falſa e enganoſa não os tome por bens ou por males. Una-ſe o amor de todas as creaturas, e faça-ſe o mais terno e o mais ardente que poſſa imaginar-ſe, não accreſcentará o menor gráo de felicidade á noſſa alma, nem ao noſſo corpo. E ſe a noſſa alma nelle ſe diverte, bem longe de vir a ſer melhor, ſe fará peior pela vaidade que conceberá. Una-ſe do meſmo modo contra nós a averſão de todos os homens, ella não poderá diminuir o menor dos

noſ-

noſſos verdadeiros bens, que são os da alma. Eſta unica conſideração da impotencia do amor e do odio das creaturas a ſervir-nos ou a ſer-nos nocivas, não deveria ella baſtar para fazer-nos indifferentes?

Que liberdade não ſería a daquelle homem, que não fizeſſe caſo de ſer amado, que não temeſſe ſer aborrecido, e que fizeſſe com tudo por outros motivos quanto he neceſſario para ſer amado e não aborrecido? Que ſerviſſe os outros ſem delles eſperar recompenſa, nem ainda a da ſua affeição, e que ſempre fizeſſe o ſeu dever para com elles independentemente das ſuas diſpoſições para com elle? Que não ſe propuzeſſe nos officios, que lhes preſtaſſe, ſenão hum objecto eſtavel e permanente, que he o de obedecer a Deos, ſem reſpeito algum ás creaturas, que não podem ſenão diminuir a recompenſa, que elle deve eſperar do Senhor?

Quem poderá aborrecer hum homem deſtes, e ainda deixar de amallo? Aconteceria pois que não temen-

do

do o odio dos homens, o evitaria; e que ſem buſcar o ſeu amor, não deixaria de adquirillo; em lugar de que aquelles a quem a paixão de ſer amados faz tão ſenſiveis a aversão, não fazem ſenão attrahilla por ſua incommoda delicadeza.

CAPITULO VI.

He couſa injuſta não poder ſoffrer a indifferença. A indifferença dos outros para comnoſco he-nos mais util do que o ſeu amor.

QUando nos offendemos de que os outros nos tratão com indifferença, commettemos a acção mais irracional. Se fora da noſſa eſcolha imprimir-lhes os ſentimentos que quizeſſemos, o noſſo verdadeiro intereſſe ſería, que no-lo fizeſſem eſcolher. O ſeu amor he hum objecto perigoſo, que attrahe o noſſo coração, e que o inficiona por huma doçura mortal. O ſeu odio he hum objecto irritante, que nos põe no perigo de perder a caridade;

mas

mas a indifferença he hum meio proporcionadiſſimo ao noſſo eſtado e fraqueza, e que nos deixa ir a Deos, ſem que delle nos aparte para as creaturas.

Todo o amor dos outros he para nós huma eſpecie de laço e de affeição, não ſó porque a concupiſcencia nos apéga a elle, e porque tememos perdello; mas tambem porque produz certos deveres difficultoſos de ſer bem cumpridos. Como elle nos abre o ſeu coração, obriga-nos a uſar deſta abertura para ſeu bem eſpiritual; e eſte uſo não he facil. He verdade que he hum grande bem, quando ſe ſabe manejar; mas he bem, que não deve deſejar-ſe por ſer acompanhado de muito perigo. Detemo-nos de ordinario neſta affeição; ſe della nos agradamos, tememos perdella; e bem longe de ſervir-nos de occaſião de dirigir os outros para Deos, ſerve muitas vezes de apartar-nos delle, e de affroxar-nos, fazendo-nos entrar nas ſuas paixões.

Mas diz-ſe: Por que razão eſta peſſoa tem tanta indifferença para mim, quando eu não a tenho para ella? Por

que

que motivo não ſe applica ella ao que me pertence, quando eu me applico com tanto cuidado ao que póde dizerlhe reſpeito? Eſtes são os diſcurſos que o amor proprio fórma no coração das peſſoas ſenſiveis e pouco virtuoſas; mas a ſua injuſtiça facilmente ſe deſcobre.

Se o noſſo unico fim na complacencia, que temos para os homens, foi apegallos a nós, e fazer que elles nos trataſſem da meſma ſorte, bem merecemos ſer privados de huma recompenſa tão vã.

Mas ſe tivermos outro fim; ſe nos não applicámos aos homens ſenão para obedecer a Deos, eſta applicação não traz comſigo meſma a ſua recompenſa; e poderemos nós pedir outra ſem injuſtiça?

He verdade, que póde haver culpa na inapplicação e indifferença dos outros para nós; mas Deos, e não nós, he que olha eſta culpa. Ella he nociva a elles, e não a nós. Ella póde darnos motivos de nos compadecermos delles; mas não de nos queixarmos delles. E aſſim o reſentimento, que nos

fica, ſempre he injuſto; pois que não tem outro objecto ſenão a nós meſmos.

CAPITULO VII.

Quanto a colera, que ſentimos contra os que nos são ingratos, he injuſta.

NAda exprime mais o quanto a fé eſtá extincta, ou pouco activa nos Chriſtãos, como a colera que concebem, quando ſe lhes falta ao devido reconhecimento; porque nada ha que mais ſe opponha ás luzes da meſma fé.

Se conſideraſſem, como devem, os ſerviços que fazem aos outros, os terião por graças, que recebêrão de Deos, e dos quaes são devedores á ſua bondade, e por obras que lhe devem conſagrar e offerecer ſem reſpeito algum ás creaturas.

Conſiderarião aquelles a que hão feito eſſes ſerviços, como peſſoas, que lhes conferírão de algum modo eſte bem; e por conſequencia conhecerião que o que dellas recebêrão, he muito mais que o que elles lhes derão.

Te-

Temerião como a maior das infelicidades, receber neste mundo a recompensa dessas obras, e ser privados da que receberião no outro, por nellas terem olhado mais puramente para Deos.

Reconhecerião que ellas, taes quaes são, contrahirião na sua factura muitas imperfeições; o que he motivo, para que se humilhem, e desejem purificarse dellas pela penitencia.

Este he o meio de ligar a colera e tristeza, que experimentamos, quando os homens nos faltão, segundo nos parece, ao que nos devem, com estes pensamentos, a que a fé nos conduz. Fazer o contrario he mostrar que trabalhámos só para os homens, e que a elles sós considerámos, trabalhando; e que assim as obras de que nos gloreamos, são hum roubo, que fizemos a Deos, e que elle tem direito de castigar em nós.

Se nos serviços que fazemos aos homens, só respeitamos os homens, he bem para nós que elles nos sejão desagradecidos, porque a sua ingrati-

dão póde ſervir, para que alcancemos de Deos miſericordia, ſoffrendo-a, como he neceſſario. Se reſpeitamos ſó a Deos, he bem que os homens não no-los recompenſem, porque a lembrança do ſeu reconhecimento he mais capaz que outra qualquer couſa de diminuir, ou anniquilar a recompenſa que eſperamos de Deos. De qualquer modo pois que conſideremos o agradecimento dos homens, acharemos que ſe he hum bem para elles, he hum mal para nós, e que a ſua ingratidão nos he infinitamente mais util. A ſua gratidão he capaz de roubar-nos o fruto das noſſas melhores acções, e de augmentar o caſtigo das más. A ſua ingratidão conſerva-nos o fruto das boas, e póde ſervir-nos para pagarmos o que devemos á juſtiça de Deos pelas más.

Ao Principe, que prometteſſe grandes recompenſas aos que o ſerviſſem, e que ſe offendeſſe de que as eſperaſſem de outrem, não ſe faria já mais a injuria de preferir aos bens ſolidos, que delle ſe devião eſperar, as caricias de alguns dos ſeus vaſſallos. Eſ-

te

te he com tudo o modo, de que obramos todos os dias para com Deos. Elle promette hum reino eterno aos caritativos ſerviços, que ſe fazem ao proximo; mas quer que nos contentemos com eſta recompenſa, e que não eſperemos outra. Com tudo, o eſpirito da maior parte dos homens eſtá continuamente occupado em examinar ſe ſe lhes rende o que ſe lhes deve: ſe os que elles tem ſervido, conhecem as obrigações, em que lhes eſtão; e ſe cumprem pontualmente os deveres que os homens hão eſtabelecido para ſignificar o reconhecimento.

Se tiveſſemos pois os verdadeiros ſentimentos que a fé deve inſpirar, nos perſuadiriamos que como Deos nos faz huma grande graça, quando nos dá o meio de ſervir os outros, nos faz outra, que não he menor, quando permitte que os homens nos não moſtrem o reconhecimento que deverião. Elle procede ordenadamente, dando-nos hum theſouro ineſtimavel, que eſteja comnoſco, e que ſe nos não roube.

A noſſa alegria deve ſer perfeita

e completa, quando temos razão para crer que as pessoas, que parecem ser-nos desagradecidas, nos são muito agradecidas; e que se o não mostrão, he porque ignorão a obrigação em que nos vivem. Posto que sempre nos seja realmente util que os outros nos não sejão agradecidos, não devemos com tudo desejallo, porque isto de ordinario he hum mal para elles. Mas he cousa digna de desejar-se, quando não he mal para elles, nem para nós; porque então sem que sejão culpados de ingratidão, não incorremos no perigo de perder por hum reconhecimento humano a recompensa que esperamos de Deos.

Ha pois não só muita injustiça, mas tambem muita baixeza nesta esperança de reconhecimento. Deveria servir-nos de hum grande motivo de confusão á vista das cousas, por que nos privamos de huma recompensa eterna. Os deveres do reconhecimento, que queremos, reduzem-se pela maior parte a hum simples cumprimento, ou a algumas civilidades inuteis; e eis-aqui as cousas

que

que preferimos a Deos e aos bens, que elle nos promette.

Muitas vezes ſomos a cauſa da falta, que imputamos aos outros; porque extinguimos no ſeu coração o agradecimento pelo modo, com que os ſervimos; e quaſi ſempre temos motivo para crer, quando vemos que alguem he menos grato para nós do que para os outros, que alguma couſa ha em nós, que não attrahe o reconhecimento. Mas ou iſto aconteça por culpa noſſa, ou por culpa dos outros, he ſempre huma fraqueza picarmo-nos, de que nos não rendão huns obſequios, que vemos claramente poder ſer-nos perigoſos.

CAPITULO VIII.

He couſa injuſta pertender a confiança dos outros; e he hum grande bem, que a não tenhão em nós.

A Confiança, que ſe tem de nós, ſendo hum ſinal de amizade e de eſtimação, não admira que liſongee o noſ-

nosso amor proprio; pois que a reserva daquelles, que julgamos dever ter estes sentimentos para nós, o fere e incommoda. Mas a razão e a fé devem dar-nos sentimentos inteiramente contrarios, e persuadir-nos fortemente que a reserva, que os outros tiverem para nós, nos he muito mais conveniente que a sua confiança.

Quando não houvesse outra razão mais que a utilidade, que temos em ser privados destas pequenas satisfações, que contentão e nutrem a nossa vaidade, ella bastaria para mover-nos a abraçar com gosto estas occasiões de mortificação espiritual; pois póde ser-nos tanto mais util, quanto ella combate mais directamente a principal das nossas paixões. Mas ainda ha outras muitas tão solidas e tão importantes como estas. E eis-aqui algumas.

Quem nos descobre os seus sentimentos, de alguma sorte nos consulta. Nós não lhe fallaremos então, que não participemos do seu procedimento; porque he como impossivel evitar que o que lhe dissermos, não diga or-

dem ao que nos tiver defcuberto ; e não he impoffivel que não façamos por aqui alguma impreſsão fobre o feu efpirito, que por efta abertura eftá difpofto a ouvir-nos e a crer-nos. Ora não he pequeno perigo eftar obrigado a fallar neftas circumftancias. Muita luz he neceffaria, para que então fallemos de hum modo util a nós e aos outros. Muitas vezes não fe faz fenão confirmar as gentes nas fuas paixões; porque cada hum he naturalmente inclinado a não entriftecer os outros; e defte modo fe favorece o defejo occulto que o homem tem de achar approvadores das fuas acções; e ifto he o que de ordinario o move a defcubrir os fegredos do feu coração.

Poucas peffoas ha, que poſsão receber as infpirações do coração e do efpirito dos outros, fem que participem da fua corrupção. Entra-fe infenfivelmente nas fuas paixões; preoccupa-fe contra aquelles, contra os quaes os reveladores eftão preoccupados; e como a confiança, que elles tem de nós, nos induz a crer que elles não

que-

quereráõ enganar-nos, abraçamos as ſuas opiniões e os ſeus juizos ſem reparar que elles muitas vezes primeiro ſe enganão. E aſſim nos enchemos de todas as ſuas falſas impreſsões.

Por aqui nos encarregamos de diverſas couſas, que neceſſitão ficar ſepultadas no ſilencio. O que he pezo não pouco conſideravel, pois que nos obriga a huma applicação muito incommoda, qual he a de não deixarmos eſcapar o que ſabemos, fugindo ao perigo, em que muitas vezes nos veremos de offender a verdade. E como de ordinario acontece que eſtas couſas venhão a ſer ſabidas por diverſos caminhos, a ſuſpeita naturalmente cahe ſobre aquelles a quem ſe deſcubrírão.

Pela confiança e abertura contrahe-ſe algum genero de obrigação; porque aquelles, que nos deſcobrem os ſeus particulares, eſperão que lhes deſcubramos os noſſos; e ſe lhos não deſcubrimos, queixão-ſe de que os não tratamos como elles nos tratão. Os que obrão com mais circumſpecção, não reprovão que ſe uſe della tambem a

ſeu

ſeu reſpeito. Eſta obrigação de ordinario he muito incommoda; pois que não ſe poderá faltar a ella ſem deſgoſtar as gentes, nem cumprir ſem ſe pôr no perigo de fazer-lhes mal, ou de fazello a ſi meſmo pelo abuſo, que podem fazer, do que ſe lhes deſcobre.

Em fim, ſe conſideraſſemos quanto o prazer, que concebemos, quando ſe nos communica algum ſegredo, he pouco real e cheio de vaidade; ſe conſideraſſemos quanto he injuſto pertender dos outros huma couſa, que deve ſer tão livre, como a deſcuberta dos ſeus ſegredos; ſe fizeſſemos juſtiça a nós meſmos, reconhecendo que ſe nos não revelão, he porque em nós ha alguma couſa, que os impede fazer-nos eſſa revelação; difficultoſo ſerá que não condemnemos eſſas raivas interiores, que a reſerva nos cauſa, e que nos não envergonhemos da noſſa fraqueza.

CAPITULO IX.

He neceſſario ſoffrer ſem melancolia a incivilidade dos outros. Baixeza dos que pertendem a civilidade.

A Civilidade nos ganha. A incivilidade nos offende. Mas huma ganha-nos, e a outra offende-nos, porque ſomos homens, quero dizer, vãos e injuſtos.

Poucas civilidades ha que devão agradar-nos, ainda ſegundo a razão humana, porque ha muito poucas civilidades ſinceras e deſintereſſadas. Muitas vezes não são mais que hum jogo de palavras, e hum exercicio de vaidade, que nada tem de verdadeiro e de real. Agradar-ſe diſto he agradar-ſe de ſer enganado. Aquelles, que na apparencia mais civilidades nos moſtrão, são talvez os primeiros, que nos eſcarnecem, logo que nos deixão.

A mais ſincera e a mais verdadeira civilidade nos he ſempre inutil e ainda perigoſa. Quando muito não he ſenão hum teſtemunho, de que nos

amão

amão e eſtimão. E aſſim ella nos offerece dous objectos, que liſongeão o noſſo amor proprio, e que são capazes de corromper o noſſo coração.

Todas as que ſe nos fazem nos ſujeitão a triſtes eſcravidões. O mundo não dá nada por nada. Iſto he hum commercio, e huma eſpecie de negocio, que tem por juiz o amor proprio; e eſte juiz obriga a huma igualdade reciproca de deveres, e authoriza as queixas, que ſe fazem contra os que faltão a elles.

As civilidades corrompem muitas vezes o noſſo juizo, porque muitas vezes nos fazem preferir aquelles, de que as recebemos, aos que tem as qualidades eſſenciaes, que merecem a noſſa eſtimação.

Mas como as civilidades, que ſe nos rendem, nos ſervem pouco, pouco mal nos faz a incivilidade; e aſſim he huma fraqueza extrema darmo-nos por offendidos della. Muitas vezes não he ſenão huma falta de advertencia procedida de eſtar o eſpirito occupado de outras couſas mais ſolidas. E os

que

que são menos exactos nas civilidades, são muitas vezes os que tem mais desejos effectivos de fazer-nos serviços reaes e importantes.

Quando ainda procedesse da indifferença, quando ainda da pouca affeição, que bem nos tira ella? Que mal he o que nos causa? Como podemos nós esperar que Deos nos perdoe as dividas immensas, de que lhe somos devedores pelas leis inviolaveis da justiça eterna, senão perdoamos aos homens os pequenos respeitos, que nos não devem senão por ordenações humanas?

Deos sim authoriza estas ordenações, e nós devemos huns aos outros a civilidade, segundo a lei do mesmo Senhor, como mostrámos na primeira Parte desta Arte; mas he huma especie de divida, que nos não he permittido pedir. Não he ao nosso merecimento que ella se deve, he á nossa fraqueza. Como não devemos ser fracos, e por nossa culpa he que o somos; a nossa primeira obrigação consiste em corrigir-nos desta fraqueza. Não temos

já

já mais direito de queixar-nos de que ſe nos não tributa baſtante reſpeito, e menos ainda de deſejar o que não ſerve ſenão de entretello.

CAPITULO X.

He neceſſario ſoffrer os humores incommodos.

PAra que cada hum conſerve a paz aſſim comſigo meſmo, como com os outros, não baſta não offender ninguem, nem de ninguem pertender amizade, nem eſtimação, nem confiança, nem agradecimento, nem civilidade; neceſſita ainda de ter huma paciencia capaz de ſoffrer todas as caſtas de humores e caprichos. Como he impoſſivel que faça juſtos, moderados e ſem defeitos todos aquelles, com que vive, sería neceſſario que deſeſperaſſe de poder conſervar o ſocego da ſua alma, ſe emprendeſſe conſervallo por eſte meio.

Deve pois aſſentar, que vivendo com os homens, achará nelles humores triſ-

tes;

tes; achará pessoas, que se iraráõ sem motivo; que entenderáõ as cousas ás avéssas; que discorreráõ mal; que teráõ hum modo cheio de fereza, ou huma complacencia baixa e desagradavel. Humas serão apaixonadas, outras muito desapaixonadas. Humas contradirão sem fundamento, outras não poderão soffrer que as contradigão em cousa alguma. Humas serão invejosas e malignas, outras insolentes, cheias de si mesmas e sem attenção para ninguem. Achará algumas que creião que tudo lhes he devido, e que não reparando no modo com que obrão com os mais, não deixaráõ de querer attenções excessivas.

Que esperança podemos ter de viver em socego, se todos estes defeitos nos abalão, perturbão, transtornão, e fazem sahir a nossa alma do seu assento?

He necessario pois soffrellos com paciencia e sem perturbação, se queremos possuir as nossas almas, como diz a Escritura; e impedir que a impaciencia nos não transtorne a cada passo,

ſo, e nos precipite nos inconvenientes, que temos repreſentado. Mas eſta paciencia não he virtude muito commua. De ſorte que he bem eſtranho, que ſendo tão difficil por huma parte, e tão util por outra, cuidemos tão pouco em exercitalla, ao meſmo tempo que eſtudamos tantas couſas inuteis e de pouco fruto.

Hum dos principaes meios de adquirilla he diminuir aquella forte impreſsão que os defeitos dos outros fazem ſobre nós. E para iſto he util conſiderar:

1. Que ſendo os defeitos tão communs, como são, he loucura admirar-nos delles, não os eſperando. Os homens conſtão de boas e más qualidades. He neceſſario tomallos neſta conſideração; e quem quer aproveitar-ſe das conveniencias, que ſe recebem da ſua Sociedade, deve reſolver-ſe a ſoffrer com paciencia as incommodidades, que lhes são annexas.

2. Que nada ha mais ridiculo que ſer deſarrazoado, porque outro o he; ſer nocivo a ſi meſmo, porque outro

o he a si, e fazer-se participante de todas as loucuras alheias, como senão tivessemos bastantes defeitos proprios e miserias proprias, sem nos encarregarmos dos defeitos e miserias de todos os mais. Eis-aqui o que fazemos, impacientando-nos com os defeitos de outrem.

3. Que por maiores que sejão os defeitos, que observamos nos outros, elles não são nocivos senão a quem os tem, e não nos fazem mal algum, menos que não recebamos voluntariamente a sua impressão. Elles são objecto de piedade e não de colera; e nós temos tão pouco motivo para nos irritarmos contra as enfermidades dos espiritos dos outros, como contra as que não insultão senão o corpo. Entre ellas ha mais esta differença, que podemos contrahir as do corpo a pezar de nós mesmos, quando as do espirito não podem entrar nas nossas almas, senão por nossa vontade.

4. Não devemos só considerar os defeitos alheios como enfermidades, mas tambem como enfermidades, que

nos

nos são commuas; porque estamos, como os outros, sujeitos a ellas. Não ha defeitos, de que não sejamos capazes; e se effectivamente não temos alguns delles, talvez tenhamos outros maiores Assim não tendo nós motivo algum para nos preferirmos aos mais, acharemos não tello para nos offendermos do que elles fazem; e que se os soffiemos, tambem elles nos soffrem.

5. Se pudessemos ver pacifica e caritativamente os defeitos alheios, elles nos servirião de instrucções tanto mais uteis, quanto nelles veriamos melhor que nos nossos a disformidade, de que o amor proprio nos occulta sempre huma parte. Elles nos darião occasião de observar que as paixões produzem de ordinario hum effeito inteiramente avesso daquelle que se pertende. Observariamos que enchendo-nos de colera para nos fazermos crer, tanto menos somos cridos, quanto maior he a colera que mostramos. Observariamos que se nos picamos de não ser estimados, segundo cremos merecer, tanto menos o somos, quanto mais

procuramos ſello. Obſervariamos que ſe nos offendemos de não ſer amados, querendo ſello por força, incorremos ainda mais na aversão das gentes.

Nelles poderiamos ver tambem com admiração até que ponto cégão eſtas meſmas paixões aquelles, que eſtão poſſuidos dellas; porque os effeitos que ellas produzem, ſendo tão ſenſiveis aos outros, são de ordinario deſconhecidos por elles. E muitas vezes acontece, que fazendo-ſe odioſos, incommodos e ridiculos a todo o mundo, são elles os unicos que o não advertem.

Tudo iſto poderia fazer-nos lembrar ou as faltas, em que antigamente cahimos por paixões ſemelhantes, ou aquellas que ainda commettemos por outras paixões, que talvez não são menos perigoſas, e com as quaes nos não cegamos menos; e deſte modo applicando-nos á obſervação dos noſſos defeitos, viriamos a ſer muito mais diſpoſtos a ſupportar os dos outros.

Em fim, he neceſſario conſiderar que tão ridiculo he conceber colera por cauſa das faltas e extravagancias alheias,

co-

como offender-ſe de que faz máo tempo, ou de que faz muito frio, ou muita calma; porque a noſſa colera tão pouco capaz he de corrigir os homens, como de fazer mudar as eſtações. Neſte ponto ha ainda mais iſto de deſarrazoavel, que as eſtações não ſe fazem mais, nem menos incommodas, porque nos irritamos contra ellas; quando a colera, que concebemos contra os homens, os irrita contra nós, e faz as ſuas paixões mais fortes e mais activas.

CAPITULO XI.

Conclusão.

O Que temos viſto até aqui baſta para dar huma ligeira idéa dos meios, que podem ſervir á conſervação da paz entre os homens, os quaes ſe comprehendem todos neſte verſo do Pſalmo: *Os que amão a voſſa Lei gozão de huma paz abundante, e não são eſcandalizados.* (1) Senão amaſſemos ſenão a Lei de Deos, andariamos

(1) *Pax multa diligentibus legem tuam, & non eſt illis ſcandalum.* Pſ. 118. 165.

mos attentos em não offender os nossos irmãos por disputas indiscretas, e nunca as suas faltas nos serião occasião de colera, de odio, de perturbação e de escandalo; pois que ellas não nos impedem ser observantes desta Lei, que nos obriga a soffrellos com paciencia, e que he em particular o preceito da tolerancia christã, a que o Apostolo chama Lei de Jesus Christo. *Levai* (diz elle) *as cargas huns dos outros, e observai a Lei de Jesus Christo.* (2) Devemos pois reconhecer que todas as nossas impaciencias e perturbações vem de não amarmos bastantemente esta Lei da caridade, de termos outras inclinações mais que a de obedecer a Deos, e de buscarmos a nossa gloria, o nosso prazer, a nossa satisfação nas creaturas. Assim o meio de estabelecer a alma em huma paz solida e inalteravel, he firmalla neste unico amor, que não respeita senão a Deos em todas as cousas, que não deseja senão agradar-lhe, e que põe toda a sua felicidade em obedecer ás suas Leis.

F I M.

(2) Galat. 6. 2.

INDEX
DOS CAPITULOS, que ſe contém neſte Livro.

PARTE I.

CAP.

PARTE II.

4,000